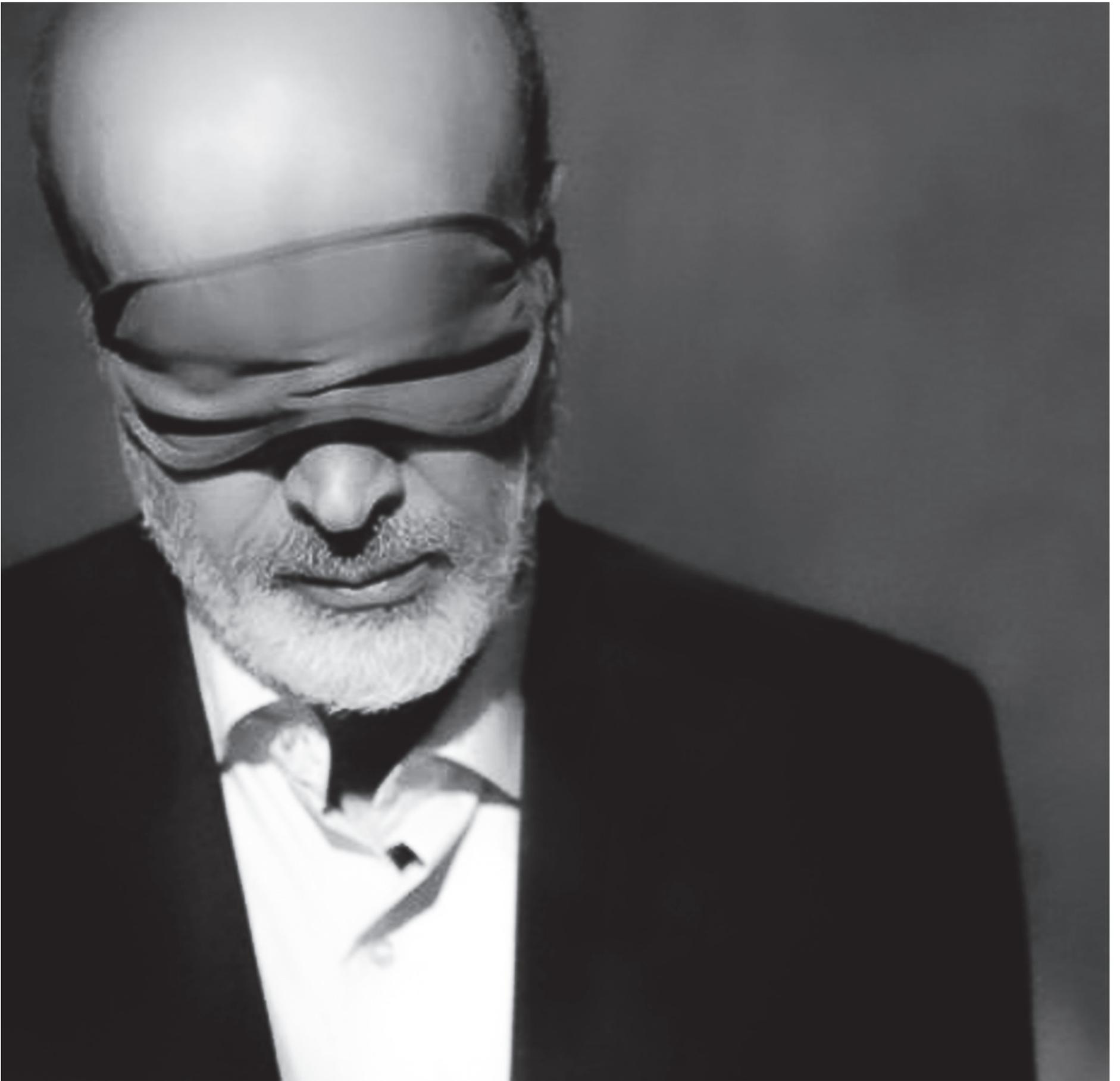


cinemateca
MARÇO 2023



**O CINEMA IRANIANO REVISITADO (DEPOIS DA REVOLUÇÃO) •
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD •
KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN •**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em março vamos colocar o escafandro e mergulhar em memórias. Teremos como parceiros de mergulho os festivais PLAY e a MONSTRA. Com o PLAY vamos às pérolas escondidas do arquivo da Cinemateca e servimo-las com o piano de Catherine Morisseau e a palavra poética da atriz Leonor Cabral. Também com o PLAY vamos apanhar outras pérolas do arquivo digital, falar sobre elas e fazer um caderno de memórias gráfico na oficina OLHAR PARA TRÁS. Com o outro parceiro de mergulho, a MONSTRINHA (a secção infantil da MONSTRA) vamos conhecer a jovem Taeko e as suas memórias de infância no filme MEMÓRIAS DE ONTEM, de Isao Takahata, cofundador com Miyazaky do famoso estúdio Ghibli. Com a MONSTRINHA vamos também celebrar os 100 Anos da Disney. Apagamos as 100 velas com uma mostra deliciosa de primeiros filmes da Disney. A meio do mês, damos um pulo ao presente para conhecer a Girafa, uma menina de dez anos, e o seu urso de peluche malcriado, o inesquecível Judy Garland, no filme de Tiago Guedes, TRISTEZA E ALEGRIA NA VIDA DAS GIRAFAS. Na última oficina do mês, IMAGEM COM LUZ DENTRO, voltamos a mergulhar na memória dos equipamentos de projeção e nas imagens criadas por nós.

▶ Sábado [04] 15h00 | Salão Foz (Restauradores)

SESSÃO COLECIONADORES DE RARIDADES (AO PIANO)

GATOS

de Manuel Luiz Vieira
Portugal, 1934 - 9 min

CARNAVAL NO PARIS

de Manuel Luiz Vieira
Portugal, 1933 - 7 min

TOSQUIA DE OVELHAS NO PAÚL DA SERRA

de Manuel Luiz Vieira
Portugal, 1937 - 6 min

ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS / UM CHÁ NAS NUUVENS

de Raul de Caldevilla
Portugal, 1917 - 9 min

BOMBEIROS MUNICIPAES LISBOA

de autor e data desconhecido - 11 min
duração total da projeção: 42 min | M/4

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Em colaboração com o PLAY – Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa, abrimos os cofres do arquivo da Cinemateca e descobrimos algumas preciosidades. São cinco pequenos filmes mudos feitos em Portugal entre 1917 e 1937 que nos mostram aspetos da vida de antigamente. A atriz Leonor Cabral vai contar-nos essas histórias enquanto viajamos pelas imagens e pelo som do piano de Catherine Morisseau.

▶ Sábado [11] 15h00 | Salão Foz (Restauradores)

OMOHIDE PORO PORO

Memórias de Ontem
de Isao Takahata

Japão, 1991 - 119 min | legendado em português | M/6

Taeko Okajima, uma jovem de 27 anos que vive em Tóquio desde sempre, decide tirar umas férias no campo. Durante a viagem, Taeko recorda os seus tempos de infância e o desejo, que sempre teve, de ir de férias “à terra”. Estas férias vão desenterrar memórias esquecidas e trazer novidades,

num balanço terno entre o passado e o presente. Sessão em colaboração com a MONSTRA – Festival de Cinema de Animação de Lisboa.

▶ Sábado [18] 15h00 | Salão Foz (Restauradores)

TRISTEZA E ALEGRIA NA VIDA DAS GIRAFAS

de Tiago Guedes

com Maria Abreu, Miguel Borges, Tonan Quito, Miguel Guilherme, Gonçalo Waddington

Portugal, 2019 - 109 min | M/12

Girafa é uma menina de dez anos, órfã de mãe. Vive com o pai e com Judy Garland, o seu urso de peluche malcriado, que é também o seu único amigo. Um dia, pega no urso e sai de casa, decidida a arranjar dinheiro para ver o Discovery Channel. Adaptação da peça de teatro homónima de Tiago Rodrigues, TRISTEZA E ALEGRIA NA VIDA DAS GIRAFAS é uma comédia dramática sobre as dores de crescimento.

▶ Sábado [25] 15h00 | Salão Foz (Restauradores)

SESSÃO 100 ANOS DA DISNEY

ALICE'S WONDERLAND

Estados Unidos, 1923 - 13 min

OSWALD THE LUCKY RABBIT

Estados Unidos, 1927 - 6 min

PLANE CRAZY

Estados Unidos, 1928 - 6 min

STEAMBOAT WILLIE

Estados Unidos, 1928 - 8 min

SKELETON DANCE

Estados Unidos, 1929 - 6 min

DONALD'S OSTRICH

Estados Unidos, 1937 - 9 min

FLOWERS AND TREES

Estados Unidos, 1932 - 8 min

THE UGLY DUCKLING

Estados Unidos, 1939 - 7 min

duração total da projeção: 63 min | M/4

Desde ALICE'S WONDERLAND, há 100 anos, até aos dias de

hoje, Walt Disney deixou-nos um legado enorme. O inevitável Rato Mickey, Pluto, Donald e Pateta são algumas das mais conhecidas personagens do cinema mundial, todas criadas por Disney. Nesta sessão, a MONSTRA e a Cinemateca Júnior preparam uma homenagem aos 100 anos da fundação da Walt Disney Company, numa jornada que se inicia com o centenário ALICE'S WONDERLAND e continua até aos seus primeiros filmes sonoros de curta-metragem (incluindo o lendário STEAMBOAT WILLIE, onde conhecemos pela primeira vez o Rato Mickey). Sessão em colaboração com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa.

OFICINAS

▶ Sábado [4] 11h00 | Salão Foz (Restauradores)

OLHAR PARA TRÁS

conceção e orientação: Madalena Miranda

para crianças dos 8 aos 10 anos | duração: 2 horas

marcação prévia até 28 de fevereiro

para cinemateca.junior@cinemateca.pt

Em colaboração com o PLAY – Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa e a partir de uma coleção de filmes portugueses, vamos fazer uma viagem pela nossa história e geografia, mergulhar no mundo dos nossos avós, bisavós e até tetravós e trazer desse mergulho peças preciosas e raras que vamos guardar num caderno gráfico. Assim, vamos descobrir outros tempos, outros usos e histórias passadas, mas também dar asas à nossa fantasia e projetar imagens para o futuro.

▶ Sábado [25] 11h00 | Salão Foz (Restauradores)

IMAGEM COM LUZ DENTRO

conceção e orientação: Maria Remédio

para crianças dos 6 aos 9 anos | duração: 2 horas

marcação prévia até 20 de março

para cinemateca.junior@cinemateca.pt

Quando se apagam umas luzes e se acendem outras, que imagens nascem à nossa volta? Como podemos fazer os nossos desenhos crescer em dois tempos? E será que cabemos dentro deles? Vamos descobrir várias formas de projetar imagens e mergulhar com elas pela luz dentro!

ÍNDICE

TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)	2
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD	6
KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN	8
CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM	10
A CINEMATECA COM A MONSTRA	10
DOUBLE BILL	11
ANTE-ESTREIAS	12
CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS	13
COM A LINHA DE SOMBRA	14
FILMar	14
O QUE QUERO VER	14
INADJECTIVÁVEL	14
CALENDÁRIO	15

CAPA DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND

“Os Manuscritos Não Ardem”

de Mohammad Rasoulof [Irão, 2013]

AGRADECIMENTOS

Albert Serra, Bruno Lourenço, Marco Martins, Raquel Soeiro de Brito, Rita Barbosa, Salomé Lamas, Vasco Vieira, Ehsan Koshbakht, RayJay Lee (Taiwan Film and Audiovisual Institute), Estrela Lin (Centro Económico e Cultural de Taipei), Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Kevin Luntz (Austrian Film Museum); Lukas Hanzal (Cinemateca de Praga); Arianna Turci (Cinémathèque Royale de Belgique); André Schaublin (Cinémathèque Suisse); Jon Wegström, Kajsa Hedström (Swedish Film Institute), Joaquim Sapinho (Rosa Filmes), Américo Santos (Nitrato Filmes), Mónica Lemos (Uma Pedra no Sapato).



TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015) PARTE II – DEPOIS DA REVOLUÇÃO



CHAHARSHANBE-SOORI

Após uma primeira parte em fevereiro que explorou algumas das tendências predominantes, dos estilos emergentes e dos principais filmes e cineastas do cinema iraniano no período que antecedeu a revolução, a segunda parte deste Ciclo conclui-se em março com o mapeamento do que a revolução de 1979 trouxe ao cinema iraniano e do que lhe retirou, nas últimas quatro décadas. “Uma história de resistência cultural, desobediência silenciosa e fricção” nas palavras do programador Ehsan Khoshbakht, colaborador especial da Cinemateca na organização desta extensa revisitação da cinematografia iraniana, e que assina também o texto de apresentação que se segue e o conjunto de notas (exceto quando indicado) sobre os filmes a exhibir. Para além de uma seleção de 18 longas-metragens produzidas entre 1979 e 2015, exibimos também em março duas obras anteriores à revolução: o seminal *KHESHT O AYENEH* / “Tijolo e Espelho”, de Ebrahim Golestan (que teve uma das duas exibições previstas em fevereiro cancelada por um problema técnico) e ainda *SHAZDEH EHTAJAB* / “Príncipe Ehtejab”, de Bahman Farmanara, de que só agora foi possível obter uma cópia projetável.

«1979. A revolução iraniana caiu nas mãos dos islamistas. Está em curso uma purga, que força os cineastas à reforma antecipada, ao exílio e ao silêncio. Mas o cinema não está morto. Uma noite, a televisão iraniana transmite *GAAV* / “A Vaca” (Dariush Mehrjui, 1969), um dos poucos filmes pré-revolucionários ainda permitido devido à ausência de mulheres sem *hijab*. Nessa noite, o “líder supremo” Ayatollah Khomeini liga a televisão e *apanha* o filme. Alguns dias depois, num discurso público, declara que “não somos contra o cinema, somos contra imoralidade e a obscenidade”. Usando o filme que tinha visto recentemente como exemplo, Khomeini continua dizendo “os nossos filmes devem ser como *GAAV*”. Esse evento, puramente casual, contribuiu enormemente para salvar o cinema iraniano de uma maior destruição por parte dos fundamentalistas, ou até mesmo da proibição total. Mas surge assim um paradoxo: como é que os próprios cineastas, cujo trabalho é essencialmente definido como cinema de dissidência, podem ser autorizados a trabalhar num novo clima político que é marcado pela repressão? Noutras palavras, o produto cultural conhecido como “*A Vaca*” era desejado, mas não o contexto social que levou à

sua criação. As pessoas mais pessimistas viram isto como um convite à “bovinidade”. O cinema iraniano foi nacionalizado e a Farabi, instituição governamental, supervisionou cada aspeto da sua produção e distribuição. “Embora as perspetivas para o cinema iraniano fossem sombrias, a proibição geral de vídeos domésticos, da televisão por satélite, e da distribuição de filmes estrangeiros forçou as pessoas a voltarem aos cinemas. Isto adiou um colapso total”, escreveu o crítico iraniano Nima Hassani-Nasab, que também argumentou que a noção de cinema do Estado era “um cinema sem estrelas, um cinema contra o ‘entretenimento’”. O *hijab* obrigatório e o nível de censura sem precedentes, implicaram que os filmes iranianos fossem pensados de uma nova maneira em termos de representação das mulheres, dos dramas domésticos, da vida familiar e da intimidade. Foram forjadas novas convenções cinematográficas. Era necessária uma mudança de *mise-en-scène*. No entanto, foi a antiga Nova Vaga que veio em socorro. Foram os pioneiros da Nova Vaga que não tinham partido para o exílio que mantiveram a chama do cinema acesa, no sombrio rescaldo da revolução iraniana. O seu profissionalismo, os seus conhecimentos técnicos, e a sua visão crítica do Irão sob o comando do Xá, foram temporariamente considerados úteis pelo novo regime. Assim, foi-lhes concedida a possibilidade de concluir o trabalho que tinha sido interrompido no imediato rescaldo da revolução.

Uma dessas figuras, Amir Naderi, reavivou o interesse pelo cinema iraniano com *DAVANDEH* / “O Corredor” (1984). Bahram Beyzaie, com o seu simbolismo rico, regressou com uma série de filmes, entre os quais *BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK* / “Bashu, o Pequeno Estrangeiro” (1986), que desempenhou a mesmo papel que *DAVANDEH* (que foi montado por Beyzaie) tinha tido dois anos antes. Quando estes filmes, juntamente com os trabalhos de Abbas Kiarostami – que rapidamente se tornará a exportação cinematográfica mais famosa do Irão –, foram vistos no estrangeiro, deram a impressão de que o cinema iraniano se resumia agora a histórias sobre crianças de grupos desfavorecidos e minorias. Mas, na realidade, seguiam-se, ao mesmo tempo, também outras direções. Um exemplo interessante é Nasser Taghvai, que também foi para o sul do Irão, que tinha sido devastado pela guerra, e realizou um *thriller*. O seu *NAKHODA KHORSHID* / “Capitão Khorshid” teve como fonte principal Ernest Hemingway e lembrou-nos como, desde os anos 60, o cinema

iraniano tem sido constantemente fomentado pela literatura, quer através de obras de escritores iranianos contemporâneos quer de autores estrangeiros. Nenhum outro realizador beneficiou tanto da literatura quanto Dariush Mehrjui, seja no período antes da revolução como naquele que lhe seguiu. Na década de 1980, Mehrjui atravessava uma mudança de foco e até de estilo. Em vez de continuar a retratar os mais desfavorecidos que viviam em pequenas cidades e aldeias, o tipo dominante nos seus filmes dos anos 60 e 70, Mehrjui ficou fascinado com a vida dos intelectuais de classe média, perdidos entre a modernidade e a tradição. Tudo se tornou mais pessoal do que social.

Outro ciclo de filmes que surgem juntamente com os filmes de guerra financiados pelo Estado (conhecidos como o género “defesa santa”) é o cinema “sagrado”, que não se configura tanto como um género, mas como um conceito geral que a fundação Farabi (o maior órgão na indústria do cinema iraniano) promovia como abordagem “espiritual” ao cinema, tratando questões centrais da vida numa perspetiva semi-humanista, e baseando-se na moralidade islâmica. Este foi o período em que a noção de alma surgiu definida pelo Estado na ausência de permissão para mostrar o corpo. Dentro desta abordagem, foram feitos vários filmes banais e sem chama, mas, de entre os exemplos descomprometidos que ofereciam uma visão única e poética encontramos *NAR-O-NAY* / “Romã e Cana-de-Açúcar” (Saeed Ebrahimifar, 1989). No entanto, o que não se esperava era a emergência de novas vozes distintas que faziam parte de um movimento revolucionário e não necessariamente no seu lado progressista. Alguns, como Mohsen Makhmalbaf, eram estritamente anti-cinema no início, mas começaram a interessar-se gradualmente por este meio para difundir ideias revolucionárias sob a forma de propaganda. Acabaram por ser transformados pelo poder do cinema. Chegou o momento em que começaram até a questionar as suas próprias identidades revolucionárias através da experimentação da forma no cinema, e o meio começou a sobrepor-se à ideologia. A mais notável realizadora do período pós-revolucionário – uma das tantas que foi para trás da câmara, ainda que com um véu – foi Rakhshan Banietemad, cuja transição do documentário de propaganda “anticapitalista” para os dramas socialistas realistas e independentes sobre mulheres trabalhadoras tem sido um dos mais espantosos exemplos da evolução

do cinema iraniano no pós-revolução. Outro antigo documentarista e praticante de cinema experimental, Kianoush Ayyari, o menos conhecido dos mestres do cinema pós-revolucionário, oferece um forte sentimento de humanismo nas suas histórias sobre sobrevivência e resiliência, num país que tinha fechado as suas portas à classe social que, supostamente, devia soerguer.

Contudo, o milagre do cinema pós-revolucionário foi Abbas Kiarostami que, depois de 20 anos a produzir filmes incessantemente, obteve, repentinamente, o reconhecimento que tanto merecia. O seu estilo tinha amadurecido, mas havia também um desejo de ver imagens de um Irão cada vez mais desconectado do resto do mundo. Além disso, uma geração de realizadores iranianos que desejavam o sucesso internacional de Kiarostami começou a "fazer [como] Kiarostami". Como Paul Oliver escreveu a propósito da música *blues*, que atrai artistas que não sabem tocar nem cantar, também a abordagem [enganadoramente] simples de Kiarostami à realização cinematográfica era como areia movediça, para a qual muitos se aventuraram casualmente, mas da qual poucos conseguiram sair vivos artisticamente. Dos "filhos de Kiarostami" alguns encontraram a sua própria voz e visão, afastando-se claramente do mundo do homem que admiravam. Jafar Panahi, Bahman Ghobadi e, em menor medida, Mohammad Rasoulof emergiram nesse contexto. Estes cineastas capturaram rapidamente o clima turbulento de uma sociedade moralmente à deriva, cuja indiferença e crueldade para com os pobres, as mulheres e as minorias já não podia ser varrida para debaixo de um extravagante tapete persa. Em 10 anos, à medida que os seus filmes se tornaram cada vez mais militantes e intrigantemente meta-cinema, estas vozes também foram forçadas ao autoexílio e à prisão. Estas figuras beneficiaram muito com chegada do digital, que permitia produções independentes e de baixo orçamento. Foi aí que o controlo do Estado sobre o cinema iraniano acabou, mesmo que o Estado continuasse a pressionar os cineastas a fazerem tudo de acordo com o manual e seguindo os "procedimentos oficiais" (até há dez anos qualquer retrospectiva de cinema iraniano organizada fora do país só poderia ser realizada através das instituições estatais como a Farabi. Este programa na Cinemateca, que inclui mais de cinquenta filmes, foi concebido inteiramente sem a sua presença ou apoio, o que pode ser interpretado como um sinal de mudança).

Os paradoxos referidos no início deste texto, corroeram silenciosamente o cinema iraniano a partir de dentro. Estes paradoxos não impediram a vaga de inovação, mas trouxeram muito rancor e agonia. Quem tentar argumentar que a censura pode levar a uma explosão de criatividade deve olhar para o exemplo do cinema iraniano pós-revolucionário, em que as inovações iniciais e os desvios influentes das formas convencionais não duraram muito. Além disso, muitas das características atribuídas ao cinema iraniano dos últimos 40 anos, e amplamente admiradas, já existiam nesse cinema antes da revolução. Um cineasta iraniano é, frequentemente, um artista esgotado, que sofre tremendamente o fardo avassalador da censura. A censura mata o cinema. A vaga constante de filmes ricos e intrigantes do Irão não morreu, mas a dor e as baixas artísticas tornaram-se insuportáveis. Este programa saúda a bravura, a poesia e a visão dos cineastas iranianos.» (Ehsan Khoshbakht)

► Quinta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

DAVANDEH

"O Corredor"

de Amir Naderi

com Madjid Niroumand, Abbas Nazeri, Musa Torkizadeh

Irão, 1984 - 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A obra-prima autobiográfica de Amir Naderi sobre Amiro, um adolescente órfão que tenta melhorar a sua vida aprendendo a ler, foi o primeiro filme iraniano do período pós-revolução a ser visto internacionalmente, e marca o início de uma vaga constante de bons filmes que emergiram daquele país nos anos 80 e 90. Brillantemente montado por Bahram Beyzaie, realizador da Nova Vaga iraniana, o filme mantém-se simultaneamente aberto - como as suas paisagens do Golfo Pérsico - e abstrato, como a luta do seu protagonista para compreender e conquistar um mundo repleto de hostilidade e indiferença. Este filme é um triunfo glorioso do cinema sobre o desespero, e da vida sobre a destruição, uma vez que foi realizado num período em que o sul do Irão sofria bombardeamentos constantes por parte do regime de Saddam Hussein. A única apresentação do filme na Cinemateca aconteceu em 1992. A exhibir em cópia digital.

► Sábado [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KHESHT O AYENEH

"Tijolo e Espelho"

de Ebrahim Golestan

com Taji Ahmadi, Zackaria Hashemi, Goli Bozorgmehr

Irão, 1964 - 133 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A primeira verdadeira obra-prima moderna do cinema iraniano é uma exploração dostoiévskiana sobre o medo e a responsabilidade. Um conto de um taxista em busca da mãe de uma bebé abandonada em Teerão. Com um título alusivo a um poema de Attar ("O que o velho pode ver num tijolo de barro / o jovem consegue ver num espelho"), o filme move-se entre o realismo e o expressionismo. Uma negra e inesquecível imagem de uma sociedade corrompida e alienada. A apresentar na versão digital restaurada que faz jus à visão original do realizador e que inclui no final cenas eliminadas na montagem e nunca anteriormente vistas.

► Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [29] 19h00 | Sala Luís de Pina

NAKHODA KHORSHID

"Capitão Khorshid"

de Nasser Taghvai

com Dariush Arjmand, Ali Nassirian, Saeed Poursamimi

Irão, 1987 - 118 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No início da década de 1960, o capitão de um navio, que ganha a vida com o contrabando de mercadorias no Golfo Pérsico, é abordado por um certo Farhan, que lhe propõe a tarefa de fazer sair do país clandestinamente um grupo de ativistas políticos. Partindo de *Ter e Não ter* de Ernest Hemingway (que já Howard Hawks tinha adaptado ao cinema), o realizador Nasser Taghvai, cujos filmes dos anos 60 e 70 se mantêm os mais subestimados da Nova Vaga iraniana, teve um grande regresso comercial e artístico com este filme emocionante que, apesar da produção difícil e caótica, conseguiu reestabelecê-lo como uma das forças vitais do cinema iraniano e um dos seus mais competentes contadores de histórias. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

► Terça-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BASHU, GHARIBEYE KOCHAK

"Bashu, o Pequeno Estrangeiro"

de Bahram Beyzaie

com Susan Taslimi, Parviz Poorhosseini, Adnan Afravian

Irão, 1986 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um rapaz órfão escapa do sul devastado pela guerra e chega às margens verdes do mar Cáspio no norte, mas ninguém na região de língua Gilaki consegue compreender a língua deste jovem estrangeiro que apenas fala árabe. Rapidamente uma habitante local o toma sob sua proteção e começam a procurar formas de comunicar. Este regresso

pós-revolucionário de uma figura veterana do teatro, da literatura e da Nova Vaga iraniana, Bahram Beyzaie, foi inicialmente banido por três anos, devido à sua visão pacifista e ambígua sobre a guerra entre o Irão e o Iraque. É uma obra notável, especialmente no que toca ao uso da linguagem, que funciona como o motor principal da narrativa, através da qual traumas de guerra e de deslocamento se abrem com um toque poético inesquecível. Com performances excepcionais do ator juvenil Adnan Afravian, interpretando um refugiado de guerra, e de Susan Taslimi, cuja colaboração com Beyzaie remonta a finais dos anos 70, este é um filme essencial. A única apresentação anterior de BASHU na Cinemateca data de 1992.

► Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAR-O-NAY

"Romã e Cana-de-Açúcar"

de Saeed Ebrahimi

com Jahangir Almasi, Ali Asghar Garmsiri, Rasul Najafian

Irão, 1989 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme visualmente cativante, um fotógrafo encontra um homem mais velho, que acaba de ter um ataque cardíaco. Leva o desconhecido para o hospital e, enquanto espera por novidades sobre a sua situação, começa a ler o seu diário. O diário retrata a vida do homem, desde a sua infância na cidade de Kashan, até à idade adulta, quando se torna calígrafo. Contado num estilo completamente visual e muitas vezes desprovido de diálogo, esta foi uma tentativa consciente de criar um cinema de poesia, pelo qual o cinema pós-revolucionário, pelo menos nas suas fases iniciais, ficou conhecido. Os poemas lidos no filme são de Sohrab Sepehri (também de Kashan, cujos poemas deram o título ao filme ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO? de Kiarostami) que, por sua vez, são lidos por outro poeta, Ahmad-Reza Ahmadi. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

► Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NAMA-YE NAZDIK

Close Up

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Mohsen Makhmalbaf, Abolfazl Ahankhah

Irão, 1990 - 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Indiscutivelmente a maior obra do cinema sobre o poder e a beleza do *medium* cinematográfico, este filme complexo é, de facto, um trabalho filosófico que revigorou os géneros do documentário e da narrativa ficcional, esbatendo muitas vezes as fronteiras entre os dois. Conta a história de Hossain Sabzian, um homem ocioso e cinéfilo, que alega ser o realizador iraniano Mohsen Makhmalbaf, de modo a entrar na casa de uma família. Sabzian acaba por ser exposto por um jornalista e levado a julgamento por fraude. Porém, as suas ações levam-no a encontrar-se face a face com um outro renomado realizador, Kiarostami, que faz um filme sobre ele. Esse homem irá depois encontrar Makhmalbaf pessoalmente. Uma mentira torna-se realidade, mas é impossível saber até que ponto esta realidade permanece uma mentira. Uma obra-prima comovente, e composta por várias camadas, CLOSE UP é também a demonstração da futilidade de qualquer tentativa de fazer uma distinção clara entre documentário e ficção. A exhibir em cópia digital.

► Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HAMOUN

de Dariush Mehrjui

com Ezzatollah Entezami, Bita Farahi, Khosro Shakibai

Irão, 1990 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um intelectual de meia-idade à beira do colapso nervoso embarca numa jornada semi-alucinatória de dúvidas existenciais e desespero, na qual Dariush Mehrjui faz referência a Fellini (como se vê nas fascinantes sequências de sonhos) e a Woody Allen (através da história de um casamento em crise). Esta comédia negra mostra "uma sociedade de terceiro mundo invadida pela Toshiba e pela Sony, em que os personagens se fixam nas suas conexões a Kiekergaard e Salinger" (Goodfrey Cheshire). O filme foi feito durante uma vaga de filmes iranianos que se debruçavam sobre questões espirituais e o Sofismo,

cujo objetivo era fazer uma ponte entre as tradições dos místicos e a vida urbana moderna. A vaga durou pouco tempo e o ciclo produziu muitos filmes péssimos. Porém, HAMOUN, devido à sua montagem (rápida e elíptica), à representação dos atores (a performance brilhante de Khosro Shakibai na personagem do título) e à realização dinâmica de Mehrjui, tornou-se um absoluto clássico de culto no cinema iraniano e o segundo trabalho de Mehrjui mais admirado pelos iranianos depois de GAAV/"A Vacca".

- ▶ Segunda-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PARDEHE AKHAR

"O Último Ato"

de Varuzh Karim-Masihi

com Farimah Farjami, Dariush Arjmand,
Niku Kheradmand

Irão, 1991 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Varuzh Karim-Masihi pertence à minoria arménia do cinema iraniano, a qual deu a esse cinema alguns dos seus melhores realizadores (entre os quais Samuel Khachikian e Arby Ovanessian). Após ter trabalhado como assistente de realização de alguns mestres da Nova Vaga como Bahram Beyzaie (RAGBAR/"A Chuvada", BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK/"Bashu, o Pequeno Estrangeiro"), e Mohammad Reza Aslani (SHATRANJ-E BAAD/"Xadrez do Vento"), Karim-Masihi estreou-se relativamente tarde, mas com um filme que lhe garantiu instantaneamente um lugar no panteão dos gigantes do cinema iraniano. Este filme é uma revisitação iraniana de GASLIGHT de Cukor, uma história emocionante sobre uma mulher que viaja até uma velha casa para reclamar a herança do seu falecido marido, mas é confrontada com a traição da família deste. Um drama absorvente com toques de crime e horror, combinados com o amor pela representação e o teatro, assim como por Hitchcock, a história tendo como pano de fundo alguns dos mais importantes acontecimentos da história do Irão nos últimos 100 anos. Magistralmente realizado e exibindo a destreza da equipa de produção envolvida, com um grande elenco, este tornou-se um dos clássicos pós-revolucionários do cinema iraniano.» (Nima Hassani-Nasab)

- ▶ Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VA ZENDEGI EDAME DARAD

E a Vida Continua

de Abbas Kiarostami

com Farhad Kheradman, Buba Bayour

Irão, 1992 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Cinco anos após a produção de KHANE-YE DOUST KODJAST?/Onde Fica a Casa do Meu Amigo?, que tornou Kiarostami um nome familiar no circuito dos festivais internacionais, um terramoto atingiu a região onde o filme foi originalmente gravado, tendo provocado cinquenta mil mortes. Kiarostami, abalado com a notícia, levou uma pequena equipa para fazer um documentário sobre a busca pelo rapaz que aparece nesse filme mas a certa altura decidiu fazer um dos seus famosos desvios à procura de sinais de vida na área devastada. O resultado, o majestoso E A VIDA CONTINUA, é uma das obras mais comoventes de Kiarostami e um longo poema que nunca perde o sentido de humor e um espírito lúdico. É um filme autónomo que pode ser visto sem nenhum conhecimento do filme anterior. É também um *remake* autorreflexivo do primeiro filme em que, em vez do rapaz, é o filme, isto é, o próprio cinema, que procura a casa do amigo. A exibir em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NUN VA GOLDUN

"Um Momento de Inocência"

de Mohsen Makhmalbaf

com Mirhadi Tayebi, Ali Bakhsi, Ammar Tafti

Irão, 1996 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Uma das mais inspiradoras e acessíveis reconstruções [de Makhmalbaf] de um acidente crucial da sua adolescência, o qual o colocou na prisão por diversos anos durante o regime do Xá. Um fundamentalista e ativista naquele período, Makhmalbaf esfaqueou um polícia; por consequência, foi alvejado e preso. Duas décadas depois, enquanto fazia audições para o seu filme SALAAM CINEMA, encontrou o



mesmo polícia, agora desempregado, e os dois acabaram por colaborar neste filme sobre um incidente que os envolvia a ambos, tentando (com câmaras separadas) reconciliar as versões do que tinha acontecido. Apesar de, indubitavelmente, ter sido parcialmente motivado por CLOSE UP, de Kiarostami, é uma experiência e uma investigação humanista fascinante por si só, cheia de calor e humor, bem como de mistério.» (Jonathan Rosenbaum)

- ▶ Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quinta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

BOODAN YAA NABOODAN

"Ser ou Não Ser"

de Kianoush Ayari

com Asal Badeei, Farhad Sharifi, Hossein Ilbeygi

Irão, 1998 – 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Kianoush Ayari é uma das figuras proeminentes do *Cinema-ye Azad* (Cinema Livre) no Irão, um movimento cinéfilo na produção cinematográfica amadora que emergiu no final dos anos 60 com o apoio do Estado. Ayari, cujo amor tanto pelo realismo como pelo cinema modernista o tinha levado, anteriormente, a recriar LADRI DI BICICLETTA em ABADANI-HA, no seu oitavo filme conta a história de uma mulher cristã que necessita urgentemente de um transplante de coração. Ela tenta convencer a família em luto de um muçulmano recém-falecido – morto durante uma discórdia na noite do seu casamento – a permitir a doação de órgãos. Com uma câmara fluída e um tom documental, o filme conquistou o coração dos espectadores e, passando pelo labirinto da religião e da tradição na sociedade iraniana, chega a uma nobre noção de altruísmo e humanismo. Este drama tenso revela novas dimensões dessa sociedade em cada reviravolta. O pulsar do filme é como o bater do coração da protagonista, sempre prestes a parar. Na vida real, a atriz do filme morreu jovem e a sua família doou os seus órgãos – uma trágica premonição cinematográfica.» (Nima Hassani-Nasab) Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

SHAZDEH EHTEJAB

"Príncipe Ehtejab"

de Bahman Farmanara

com Jamshid Mashayekhi, Fakhri Khorvash,
Valiyollah Shirandami

Irão, 1974 – 93 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores filmes iranianos sobre a decadência, SHAZDEH EHTEJAB é baseado num livro do renomado romancista iraniano Houshang Golshiri centrado num dos últimos membros da dinastia Qajar. Enquanto o seu corpo é devorado pela tuberculose e a sua mente é devastada pelo passado de brutalidade e repressão da sua dinastia, o aristocrata relembra a sua vida numa série de complexos e elegantes *flashbacks* que entretencem a história do Irão com a psicologia da personagem. Vencedor do prémio de melhor filme no Festival Internacional de Cinema de Teerão, Farmanara, que também se destacou como produtor (é dele a produção de SHATRANJ-E BAAD/"Xadrez do Vento",

exibido na primeira parte deste Ciclo), presta uma atenção escrupulosa aos figurinos, aos cenários e à direção de fotografia. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ZIR-E POOST-E SHAHR

"Sob A Pele da Cidade"

de Rakhshan Banietemad

com Golab Adineh, Mohammad Reza Forutan,
Baran Kosari

Irão, 2001 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Esta história envolvente de uma família da classe operária em Teerão e da luta da figura materna para manter a família unida é realizada por um dos mestres do cinema realista iraniano e um dos grandes talentos emergentes depois da revolução. Como escreve Laura Mulvey, o "filme sintetiza a maneira como o realismo e o melodrama são, de maneiras diferentes, estilisticamente importantes para os dramas de opressão social e injustiça," para contar a história "das crises enraizadas na desigualdade de classe e género no Irão contemporâneo." Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ZAMANI BARAYÉ MASTI ASBHA

Um Tempo para Cavalos Bêbedos

de Bahman Ghobadi

com Ayoub Ahmadi, Rojin Younessi, Amaneh Ekhtiar-dini

Irão, 2000 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

As provações de uma família curda que atravessa um inverno terrível perto da fronteira entre o Irão e o Iraque. A família é encabeçada por um rapaz de doze anos que sustenta todos os outros membros e cuida do irmão com deficiência. "Retratar as adversidades enfrentadas pelos curdos era, até um então, um tabu, embora já tivessem sido documentadas numa curta-metragem precedente de Ghobadi", escreve o crítico iraniano Hamid-Reza Sadr. "A abordagem crua e rigorosamente minimal de Ghobadi, num estilo de documentário filmado com câmara à mão, foi temperada pela profunda ligação emocional partilhada pelos três irmãos retratados e pelo fascínio das suas representações naturalistas. [O filme ofereceu] um retrato social amplo da geração jovem, e mostrou a natureza complexa e problemática que enfrenta no Irão." Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND

"Os Manuscritos Não Ardem"

de Mohammad Rasoulof

com M. Ali Nazarian, Ramin Parham

Irão, 2013 – 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1998, durante um curto período de relativa liberdade de imprensa no Irão, os jornais revelaram a história aterradora de mais de 80 assassinatos políticos que

tinham sido levados a cabo pelo regime islâmico desde finais dos anos 80. Conhecidos como os “homicídios em cadeia”, as vítimas eram intelectuais, escritores, tradutores, ativistas políticos. *DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND*, que tem como ponto de partida estes crimes, foi gravado clandestinamente dentro e fora do Irão. Combinando elementos de vários homicídios numa única narrativa, o filme humaniza a sua história sombria ao focar-se num dos assassinos. Apesar da terrível missão que lhe é conferida, esse homem está preocupado com o filho hospitalizado, e tenta angariar dinheiro para as despesas médicas. Este é um dos mais arrebatadores e corajosos dramas políticos feitos durante a última década do cinema iraniano. Primeira apresentação na Cinemateca.

▶ Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CHAHARSHANBE-SOORI

“Quarta-Feira de Fogos de Artifício”

de Asghar Farhadi

com Hamid Farrokhnezhad, Hedieh Tehrani,

Taraneh Alidoosti

Irão, 2006 – 112 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Rouhi, uma jovem empregada doméstica, começa a trabalhar para um casal de classe média de Teerão na última quarta-feira do ano, conhecida como “quarta-feira de fogos de artifício”. Ela observa a vida de uma esposa que está convencida da infidelidade do marido, acreditando que ele tem uma relação extraconjugal com a vizinha cabeleireira. O terceiro filme de Farhadi foi um êxito inovador e um ponto de viragem no seu estilo cinematográfico, em que conseguiu combinar realismo social com melodrama moderno e elementos inovadores de *suspense*. Havia também algo mais: a juventude. O talento de Farhadi, bem como os seus argumentos afiados, tornaram-se ainda mais efetivos quando encontrou esta equipa de atores, a sua maioria na casa dos trinta anos. Os novos atores (Hedieh Tehrani, Taraneh Alidoosti) trouxeram consigo um ar de urgência e mudança ao universo em que Farhadi estava a afirmar-se rapidamente. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

▶ Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ZEMESTAN

“Inverno”

de Raffi Pitts

com Mitra Hajjar

Irão, 2006 – 86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Iniciando-se com músicas e imagens memoravelmente belas, esta terceira longa-metragem de ficção de Raffi Pitts – um iraniano com formação feita em Londres, cujo filme precedente tinha sido um documentário sobre Abel Ferrara – é uma fábula sóbria e rigorosa que se assemelha um pouco a uma reelaboração de *THE POSTMAN ALWAYS RINGS TWICE*. Um homem, recentemente desempregado, apanha um comboio para procurar trabalho no estrangeiro, deixando à sua sorte a jovem e atraente esposa, bem como uma filha e a mãe. Passam-se vários meses sem receber notícias do marido e, compreensivelmente, começam a surgir dúvidas sobre se ainda estará vivo. Um mecânico atraente e ousado, recém-chegado à periferia da cidade onde vivem, repara na mulher que agora se diz ser viúva, e começa a rondá-la na esperança de chamar a sua atenção. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

▶ Sábado [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quarta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TALAYE SORKH

Sangue e Ouro

de Jafar Panahi

com Hossain Emadeddin, Kamyar Sheisi, Azita Rayeji

Irão, 2003 – 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores filmes de Jafar Panahi, *SANGUE E OURO* é baseado num guião de Abbas Kiarostami inspirado numa notícia de um estafeta de pizzas em Teerão que alvejou um joalheiro e, em seguida, disparou contra si próprio. Numa referência ao neorealismo, Panahi contratou um verdadeiro empregado de pizzaria, o qual, no decurso das filmagens, revelou sofrer de uma doença mental grave, aumentando a sensação de mal-estar do filme e tornando o *breakdown* pelo qual a personagem passa assustadoramente real. Rico na sua visão franca e inquietante sob os atritos causados pelo ressentimento de classe e a repressão política, a exibição do filme foi banida no seu país de produção. A exibir em cópia digital.

▶ Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quinta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GILANEH

de Rakhshan Banietemad e Mohsen Abdolvahab

com Fatemah Motamed-Aria, Bahram Radan,

Baran Kosari

Irão, 2005 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Primeira mulher realizadora a obter o prémio principal do Festival de Teerão, Banietemad tem pintado ao longo de quase quatro décadas um retrato preciso do seu país em ficções e em documentários. *GILANEH* começa em 1988, no final da guerra entre o Irão e o Iraque. A viúva Gilaneh acompanha a filha grávida da sua aldeia até Teerão, onde esperam encontrar o marido desta, que desertou do exército e do qual não têm notícias desde então. No caminho para Teerão, encontram um fluxo de pessoas que fogem da cidade. A jornada torna-se uma viagem até à escuridão, ao medo e a perigos tangíveis. Em 2003, 15 anos após o fim dessa guerra, reencontramos uma Gilaneh envelhecida e cuidando abnegadamente de seu filho Ismael, que voltou da guerra destruído de corpo e alma. Primeira apresentação na Cinemateca.

▶ Segunda-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

HERFEH: MOSTANADSAZ

“Profissão: Documentarista”

de Sepideh Abtahi, Shirin Barghnavard, Mina Keshavarz,

Firouzeh Khosrovani, Nahid Rezaei, Sahar Salahshoor,

Farahnaz Sharifi

Irão, 2014 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais notáveis documentários iranianos *underground* feito nos últimos dez anos, é uma reflexão sobre a censura, a paranoia mediática, a discriminação de género e o que significa ser uma mulher cineasta no Irão, tendo sido feito coletivamente por sete mulheres. As realizadoras decidem estabelecer um diálogo com a sua sociedade, umas com as outras, e com elas próprias. Este último transforma cada um dos sete segmentos num diário pessoal e numa sala escura de confissões. Por isso, apesar de ser, efetivamente, um trabalho coletivo, e de cada realizadora ter sido assistida pelas outras seis durante as filmagens e na montagem do seu segmento, o resultado consegue manter a voz distinta de cada uma delas. Primeira apresentação na Cinemateca.

PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

Uma série televisiva recente, dirigida por Ethan Hawke a partir de documentos biográficos encontrados entre o legado do pai pelas filhas de Paul Newman e Joanne Woodward, reavivou o interesse por estas duas figuras, cuja vida pessoal (e o matrimónio de cinquenta anos) se tornou tão mítica quanto a vida profissional. Desde o momento em que se conheceram, em meados dos anos 50, nunca mais estiveram muito longe um do outro, numa proximidade que se estendeu ao trabalho no cinema – que frequentemente teve origem na própria vida pessoal, assim como não deixou de ser um peso sobre essa vida pessoal, numa espécie de movimento sempre em duplo sentido. Foi, por exemplo, pelas obrigações familiares que Joanne se foi afastando do trabalho assíduo no cinema, depois do nascimento das filhas; foi, por exemplo, como uma forma de compensar Joanne por esse afastamento que Newman se tornou realizador em 1968, com *RACHEL, RACHEL*, trazendo-a para quase todos os filmes posteriores que realizou (a exceção, e acidental, é *SOMETIMES A GREAT NOTION*, que não era para ter sido dirigido por ele). Uma das “teses” da série de Hawke é que no trabalho conjunto de Paul e Joanne existe, de forma mais deliberada ou mais fortuita, um eco ou reflexo permanente da sua vida pessoal, e que de algum modo nos filmes que fizeram juntos ficou inscrita uma espécie de biografia de um matrimónio. Este Ciclo, no fundo, põe essa “tese” à prova: vamos mostrar todos os filmes (com uma exceção) em que os nomes de Newman e Woodward tenham coexistido no genérico – na maior parte das vezes as presenças deles também coexistem no ecrã, e frequentemente como protagonistas, noutras vezes, nos filmes em que Newman foi só realizador e produtor, apenas se vê Joanne, mas é sempre, e talvez ainda mais nestes últimos casos, uma história dos dois aquilo se conta.

A exceção que referimos acima é uma ausência: a de *SHADOWBOX*, um telefilme dirigido por Newman em 1980 de que hoje não se consegue encontrar cópia, em qualquer formato, que seja digno de ser projetado. Compensamos com *SOMETIMES A GREAT NOTION*, o único dos filmes realizados por Newman sem a presença de Joanne.

Vamos então ver uma obra a dois, que se estende por quase cinquenta anos de cinema americano, e cá estaremos para verificar a influência de Paul Newman e Joanne Woodward no comportamento dos espectadores de cinema.

▶ Quarta-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LONG HOT SUMMER

Paixões que Escaldam

de Martin Ritt

com Paul Newman, Joanne Woodward, Lee Remick,

Anthony Franciosa, Orson Welles

Estados Unidos, 1958 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Dirigido por Martin Ritt, que se tornaria um dos realizadores preferidos de Paul Newman, e com um argumento baseado numa mescla de três histórias de William Faulkner, *THE LONG HOT SUMMER* é um filme cheio de “sangue novo” de uma geração de atores (a maior parte vinda do Actors’ Studio) que começava a tomar conta do cinema americano – aqui posta em diálogo com a imponência de Orson Welles, que interpreta, em modo de *grand guignol*, o papel de patriarca de uma família do sul dos Estados Unidos. Newman ganhou o prémio de interpretação em Cannes, fazendo de 1958 (ano em que estrearam também *RALLY ROUND THE FLAG, BOYS!*, *THE LEFT-HANDED GUN* e *CAT ON A HOT TIN ROOF*) um ano decisivo na sua afirmação. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

▶ Quarta-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

▶ Segunda-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RALLY ROUND THE FLAG, BOYS!

A Morena Ardente

de Leo McCarey

com Paul Newman, Joanne Woodward, Joan Collins

Estados Unidos, 1958 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A última e hilariante grande comédia de Leo McCarey, agora à volta da luta que uma mulher à frente de uma comunidade (Joanne Woodward) trava contra a instalação na zona de uma base de mísseis, enquanto a *pin up* local (Joan Collins) vai seduzindo o seu marido (Paul Newman). É um filme do mesmo ano do casamento de Newman e Woodward, e o espírito de “lua de mel” foi inteiramente (e divertidamente) captado por McCarey.

- ▶ Quinta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

FROM THE TERRACE

Do Alto do Terraço

de Mark Robson

com Paul Newman, Joanne Woodward, Myrna Loy

Estados Unidos, 1960 – 149 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Paul Newman e Joanne Woodward como protagonistas de um casamento sem amor: ele é um jovem candidato a executivo que casa por interesse com a herdeira de uma bem-relacionada família nova-iorquina. Era o terceiro filme em que Newman e Woodward contracenavam, mas foi um dos menos bem-sucedidos, e ficou um tanto esquecido. As críticas da época apontaram defeitos a quase tudo (argumento, realização, excessiva duração), menos aos atores – e certamente que eles, tanto o par central como os coadjuvantes, são razão de sobra para que se redescubra FROM THE TERRACE. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

PARIS BLUES

Noites de Paris

de Martin Ritt

com Paul Newman, Sidney Poitier, Joanne Woodward

Estados Unidos, 1961 – 98 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Sidney Poitier (Eddie Cook) e Paul Newman (Ram Bowen) são dois músicos americanos que trabalham num clube parisiense. Um filme sobre *jazz*, mas também sobre o racismo americano, em contraste com a atmosfera mais aberta de Paris. No filme encontramos Louis Armstrong e o pianista Aaron Bridgers em excelentes interpretações. A música foi escrita por Billy Strayhorn e por Duke Ellington.

- ▶ Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A NEW KIND OF LOVE

Um Novo Tipo de Amor

de Melville Shavelson

com Paul Newman, Joanne Woodward, Thelma Ritter

Estados Unidos, 1963 – 110 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Nesta época, 1963, com o nascimento das filhas, Joanne Woodward já começava a pôr um travão numa carreira que meia dúzia de anos antes parecia imparável. E A NEW KIND OF LOVE, uma comédia ambientada nos meios da moda parisiense, era um projeto que lhe era caro (“queria divertir-me, brincar com as perucas e com os vestidos”) e para o qual “arrastou” o marido Paul Newman. Sob a direção de Melville Shavelson, resultou num filme divertido, espumante, onde Newman e Woodward exibem, talvez pela última vez nos filmes que fizeram juntos, uma impressão de felicidade desassomburada. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

THEY MIGHT BE GIANTS

Encontro Marcado

de Anthony Harvey

com George C. Scott, Joanne Woodward, Jack Gilford

Estados Unidos, 1971 – 91 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comédia, ou tragicomédia, ambientada num fundo psiquiátrico e que cruza uma vaga inspiração no *Dom Quixote* (aonde vai buscar o título original) com as aventuras das mais famosas personagens criadas por Arthur Conan Doyle. Woodward é uma psiquiatra de apelido Watson, e

chega-lhe às mãos o caso de um indivíduo (George C. Scott) que se toma por Sherlock Holmes. É o bastante para lançar uma série de peripécias que se desenrolam por vezes num tom surrealizante. Paul Newman não é ator, mas não está longe: foi um dos produtores do filme. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quarta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WUSA

Muro de Separação

de Stuart Rosenberg

com Paul Newman, Joanne Woodward, Anthony Perkins

Estados Unidos, 1970 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O título original, WUSA é a designação de uma estação radiofónica do Sul dos Estados Unidos que difunde propaganda racista e reacionária, e que neste filme é o centro nevrálgico da ação. Newman não realizou, mas produziu, chamou Stuart Rosenberg (com quem tivera gosto em trabalhar em COOL HAND LUKE) para a realização, e o filme é sobretudo um projeto pessoal dele, que reflete, nesta investigação das mais sinistras profundezas políticas dos EUA, o seu crescente interesse, a partir da segunda metade dos anos 60, pela participação ativista na vida política americana. É um filme estranho, singular, não totalmente bem compreendido no seu tempo – mas talvez hoje, em 2023, pareça subitamente mais “atual”. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ segunda-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DROWNING POOL

Sangue Frio em Água Quente

de Stuart Rosenberg

com Paul Newman, Joanne Woodward, Anthony Franciosa

Estados Unidos, 1975 – 108 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Newman retoma a personagem do detetive Harper (que interpretara cerca de dez anos antes no HARPER de Jack Smight), para uma história passada nos *bayous* da Louisiana que tenta encontrar o espírito, ao mesmo tempo violento e irrisório, de uma certa linhagem do policial americano dos anos 70. Adaptado de um romance de Ross MacDonald, tem entre os argumentistas o jovem Walter Hill, que nesse mesmo ano de 1975 se estrearia como realizador. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HARRY AND SON

O Confronto

de Paul Newman

com Paul Newman, Robby Benson,

Ellen Barkin, Joanne Woodward

Estados Unidos, 1984 – 120 min / legendado em português | M/12

Dirigido e interpretado por Paul Newman, HARRY AND SON é um filme sobre o conflito e a busca de entendimento entre gerações. Paul Newman é Harry, um trabalhador da construção civil que não se adaptou à condição de viúvo, e tem uma relação difícil com o filho que se esforça por reconquistá-lo. Newman equilibra habilmente a narrativa entre a emoção e o humor, sendo que os reflexos biográficos são fortíssimos: HARRY AND SON é o filme do luto e da expiação da morte de Scott Newman, filho de Paul, sucedida no final dos anos 70.

- ▶ Quinta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RACHEL, RACHEL

Raquel, Raquel

de Paul Newman

com Joanne Woodward, James Olson, Kate Harrington

Estados Unidos, 1968 – 101 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O começo da obra de Paul Newman como realizador, que se inicia como uma oferta para Joanne Woodward. Joanne tinha-se encantado com o argumento que Stewart Stern extraía de um romance da escritora canadiana Margaret Laurance e queria muito filmá-lo no papel da



WUSA [RODAGEM]

protagonista. Mas Joanne tinha passado a década de 60 em trabalhos no cinema intermitentes, e já não tinha o *star power* de dez anos antes, nem a capacidade de convencer alguma *major* a erguer um projeto em torno da sua figura. Newman decidiu produzir e realizar, como se oferecesse à mulher um mundo alternativo onde ela ainda era a maior das estrelas. É um filme bellissimo, com uma Joanne sublime no papel de uma professora de liceu da província dividida entre a sua solidão e a mãe dominadora de quem ao mesmo tempo tem que cuidar. A grandeza do filme foi reconhecida logo na época: no *New York Times* escreveu-se que RACHEL, RACHEL era “o filme mais bem escrito e mais seriamente interpretado em muitos anos de cinema americano”. A única exibição do filme na Cinemateca aconteceu em 1998.

- ▶ Sexta-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

MR. AND MRS. BRIDGE

O Sr. e a Sra. Bridge

de James Ivory

com Paul Newman, Joanne Woodward,

Margaret Welsh, Robert Sean

Reino Unido, Estados Unidos, 1990 – 125 min / legendado em português | M/12

O último filme que Paul Newman e Joanne Woodward fizeram juntos como protagonistas, e inteiramente construído à medida deles. Tão à medida que a relação entre as suas personagens, o Sr. e a Sra. Bridge, prevalece sobre tudo o resto (do retrato de época, anos 40, ao confronto familiar entre o conservadorismo dos mais velhos e o progressismo dos mais novos), como mais um – o derradeiro – jogo de espelhos biográficos. Valeu a Joanne a última das quatro nomeações para um Oscar (de que ganhou apenas na primeira vez, por THE THREE FACES OF EVE, em 1957). O filme foi apenas uma vez exibido na Cinemateca (em 2009).

- ▶ Terça-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE EFFECT OF GAMMA RAYS ON MAN-IN-THE-MOON MARIGOLDS

A Influência dos Raios Gama no Comportamento das Margaridas

de Paul Newman

com Joanne Woodward, Nell Potts,

Robert Wallach, Judith Lowry

Estados Unidos, 1972 – 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Terceiro filme realizado por Paul Newman, com argumento adaptado de uma peça teatral famosa dos anos 1970 e de novo protagonizado por Joanne Woodward, aqui na pele de uma viúva mãe de duas filhas compondo uma das suas maiores personagens. THE EFFECT OF GAMMA RAYS... lida com o espaço familiar – questão recorrente nos filmes de Newman-realizador, tema reforçado ainda através das

escolhas do elenco: Nell Potts, a protagonista adolescente, era (e é) filha de Woodward e Newman. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

WINNING

A Grande Competição

de James Goldstone

com Paul Newman, Joanne Woodward, Robert Wagner

Estados Unidos, 1969 – 123 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Em parte, este filme foi determinante para que Paul Newman descobrisse a sua paixão pelas corridas de automóveis. É nesse mundo que tudo se passa (incluindo cenas filmadas em corridas reais), com o ator a interpretar a personagem de um piloto que, obcecado pela ideia de vencer as 500 milhas de Indianapolis, põe em cheque o seu casamento – numa “dobra” com a vida real (é Woodward quem faz o papel da mulher do piloto) que não deixava de funcionar, nesta altura, e mais ou menos assumidamente para os dois cônjuges, como uma reflexão catártica do seu matrimónio. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOMETIMES A GREAT NOTION

Os Indomáveis

de Paul Newman

com Paul Newman, Henry Fonda, Lee Remick

Estados Unidos, 1971 – 108 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O segundo filme realizado por Paul Newman, mas de forma praticamente acidental. Apesar de o projeto de adaptar o romance de Ken Kesey (o mesmo autor do livro que uns depois daria origem a ONE FLEW OVER THE CUCKOO'S NEST) ter tido vários candidatos de peso à realização (nomeadamente Sam Peckinpah e Budd Boetticher), a escolha recaiu no obscuro Richard A. Colla. Mas Colla despediu-se, ou foi despedido, ainda numa fase inicial da rodagem, e para não perder tempo Newman (que além de ator era um dos coprodutores) decidiu assumir as rédeas da realização. É um filme excelente e muito mal conhecido, centrado numa família de madeireiros do Oregon com tendência para uma espécie de conservadorismo rebelde e desafiador. Henry Fonda, como patriarca, é fabuloso, e o filme tem pelo menos duas cenas (ambas cenas de morte) que são antológicas: a morte do patriarca e a morte do irmão da personagem de Paul Newman.

- ▶ Terça-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GLASS MENAGERIE

Algemas de Cristal

de Paul Newman

com Joanne Woodward, John Malkovich, Karen Allen, James Naughton

Estados Unidos, 1987 – 134 min / legendado em português | M/12

O derradeiro trabalho de Paul Newman como realizador e a terceira adaptação da peça homónima de Tennessee Williams ao cinema. A extraordinária sensibilidade de Newman na direção de atores faz desta versão um verdadeiro festival da arte de representar, apoiado num elenco excelente (e encabeçado por Joanne Woodward). Mas é também uma inteligente adaptação do espaço teatral ao cinema, na forma como a câmara circula pelo que é, praticamente, um cenário único, captado pela fotografia do grande operador Michael Ballhaus.

KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

EM COLABORAÇÃO COM O TAIWAN FILM AND AUDIOVISUAL INSTITUTE
COM O APOIO DA OFICINA ECONOMICA Y CULTURAL DE TAIPEI EN ESPAÑA E DO CENTRO ECONÓMICO E CULTURAL DE TAIPEI EM PORTUGAL

Este Ciclo é organizado à volta de King Hu (1931-1997), o realizador que deu as suas cartas de nobreza aos filmes *wuxia*, isto é, de artes marciais, entre os quais sobressai o clássico A TOUCH OF ZEN, que foi no entanto um fracasso comercial à época, tendo sido remontado pelo produtor, à revelia do realizador. Hubert Niogret, um dos bons conhecedores europeus do cinema do Extremo Oriente (que propõe “filmes de cavalaria” como tradução para *wuxia*) assinala que “o que distingue King Hu da produção cinematográfica chinesa *standard* é o cuidado com que realiza os seus filmes”, ao passo que “o conjunto da produção de Hong Kong [onde Hu começou a sua carreira] era de grande mediocridade técnica. King Hu enobrecer o filme de artes marciais, que era constituído até então por produções de baixo nível, limitadas a combates extremamente violentos, que davam satisfação ao público. Nos filmes de King Hu, que vão muito além dos limites dos filmes de artes marciais, os combates nunca são violentos ou sanguinários, são sempre elegantes, coreografados na grande tradição da Ópera de Pequim, de que ele tanto gostava. Os seus melhores filmes, nos quais se manifesta um desejo de perfeição, revelam um domínio excepcional da realização pela utilização dos corpos, dos movimentos, da montagem, da respiração musical, do domínio dos cenários, do brilho do guarda-roupa, assim como pelo respeito absoluto da época em que a ação se desenrola. Nitidamente, King Hu considerava o cinema como uma arte, não apenas como um espetáculo. Cineastas como Zhang Yimou, Ang Lee, Tsui Hark e John Woo reconhecem o quanto lhe devem”. Para Stephen Teo, King Hu “negligencia uma narrativa cerrada em favor do puro estilo”, o que faz dele “o mais musical dos realizadores de filmes de artes marciais. Elabora os seus filmes como sinfonias, nas quais a recapitulação de um tema é imperativa para que possa haver prazer: se o ouvinte reconhece o tema, o prazer é acentuado”. No entanto, o percurso deste cineasta, que o levou da China “propriamente dita” a Hong Kong e dali a Taiwan, onde pôde dar o melhor de si, nada teve de linear. Nascido em Pequim (em 1931, segundo uma entrevista sua à *Positif* e não em 1932, como indicam todas as outras fontes), filho de um geólogo, Hu fez uma estadia em Hong Kong pouco depois do estabelecimento do regime comunista na China e decidiu não voltar para lá. O seu primeiro contacto profissional com o cinema foi como desenhador de cartazes. Logo a seguir e durante cinco anos, trabalhou como ator. Um acontecimento decisivo dá-se em 1958, quando os futuramente célebres irmãos Shaw abrem a sua companhia de produção em Hong Kong, onde o trabalho se fazia em cadeia e onde King Hu vai trabalhar como ator e argumentista, a um ritmo desenfreado e ininterrupto. Em 1963 é-lhe dada a primeira oportunidade de realizar um filme (como *executive director* de um filme cujo realizador oficial simplesmente não tinha tempo de fazer o trabalho) e dois anos depois assina sozinho DA DI ER NU, conhecido internacionalmente como SONS OF THE GOOD EARTH. A coreografia do filme é de Han Ying-che, antigo aluno da Ópera de Pequim, praticante de artes marciais e artista de circo, cuja influência sobre Hu será fundamental, pois foi ele quem aperfeiçoou a utilização de trampolins para criar a impressão que os personagens voam pelo espaço. Apesar disso, o filme foi bastante alterado pelo produtor, o que levou King Hu a deixar Hong Kong e instalar-se em Taiwan, onde realiza um primeiro filme em 1967, DRAGON INN / LONG MEN KEZHAN, que foi um triunfo de bilheteira na Ásia, tendo ressuscitado e renovado o filme de artes marciais. Quatro anos depois, Hu realiza aquele que talvez seja o seu filme mais ambicioso e que costuma ser considerado a sua obra-prima: A TOUCH OF ZEN. O filme, de uma duração de três horas, é um fracasso comercial e os produtores decidem redistribuí-lo em dois episódios de noventa minutos, que também fracassam comercialmente. Depois destas peripécias, King Hu fundou a sua própria companhia de produção e continuou a sua carreira. Stephen Teo assinala que esta “declinou simultaneamente ao género das artes marciais, que adotou novas formas, híbridas”, mas o reconhecimento da importância e da envergadura deste grande estilista não deixou de aumentar desde o seu falecimento, há trinta e seis anos. Neste Ciclo poderemos ver ou rever quatro longas-metragens deste reconhecido mestre das formas cinematográficas, além de dois episódios de obras coletivas em que ele participou e

ainda cinco longas-metragens de prolíficos cineastas que pertencem à constelação do cinema *wuxia* e à mesma geração que Hu (à exceção de Lung Chien), o que permitirá aos espectadores avaliar semelhanças e diferenças entre King Hu, o mestre do género, e outros nomes que o praticaram: como o seu título indica, este é ao mesmo tempo um Ciclo de autor e de género.

À exceção de A TOUCH OF ZEN / XIA NU, todos os filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca. As cópias a exhibir são versões digitais restauradas pelo Taiwan Film and Audiovisual Institute.

- ▶ Quarta-Feira [01] | 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [03] | 19h30 | Sala Luís de Pina

DRAGON INN / LONG MEN KEZHAN

de King Hu

com Bai Ying, Shangguan Linfeng, Chun Shih

Taiwan, 1967 – 111 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A SESSÃO DE DIA TEM APRESENTAÇÃO

Este foi o primeiro filme realizado por King Hu em Taiwan e o quinto que realizou. A história é situada no século XV. O eunuco real consegue eliminar o seu principal rival e decide também matar os filhos deste, que estão numa viagem de fuga e se refugiaram numa taberna. Mas as crianças têm protetores secretos, que intervêm para salvá-las, entre os quais uma mulher, que é uma das primeiras guerreiras a surgir no cinema de artes marciais. O filme teve grande êxito, mas o realizador foi de opinião que muitos espectadores “não perceberam o seu sentido”, que era criticar o poder ilimitado dos serviços secretos, que se punham acima da lei. O filme é considerado um marco no cinema de artes marciais, precisamente pela maneira como estas são coreografadas e criou novas modas, como as personagens de eunucos todo-poderosos e de mulheres espadachins, que em breve fariam parte dos *clichés* do género. DRAGON INN marca o início dos grandes anos da carreira e da obra de King Hu.

- ▶ Sexta-feira [03] 18h00 | Sala Luís de Pina

CONFERÊNCIA: "O MUNDO DOS FILMES DE ARTES MARCIAIS: UMA INTRODUÇÃO"

Ru-Shou Robert Chen, professor e investigador especializado na História do cinema de Taiwan, contextualiza o lugar do realizador King Hu nessa cinematografia, em particular no cinema *wuxia*, género popularizado em Portugal como “filmes de artes marciais”.

CONFERÊNCIA EM INGLÊS, SEM TRADUÇÃO SIMULTÂNEA / 60 MIN
ENTRADA LIVRE MEDIANTE LEVANTAMENTO DE BILHETE
30 MINUTOS ANTES DO INÍCIO

- ▶ Quinta-feira [02] | 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-Feira [06] | 19h30 | Sala Luís de Pina

RAINING IN THE MOUNTAIN / KONG SHAN LING YU

de King Hu
com Hsu Feng, Sun Yueh, Teng Feng

Taiwan, 1979 - 120 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

King Hu definiu este filme como “uma obra sobre o poder”. Situado na época Ming, com a sua ação quase inteiramente confinada a um mosteiro isolado, o filme tem como pretexto narrativo as intrigas para a sucessão do sacerdote-mor do convento, a que se misturam os esforços de dois grupos rivais para se apossarem de um precioso manuscrito guardado no convento. Esta situação narrativa, que desencadeia uma série de conflitos, permite a King Hu demonstrar a sua fabulosa destreza como realizador, nomeadamente no que refere o movimento das personagens e da câmara e no uso refinado e eficiente da cor, que tem uma função ao mesmo tempo plástica e narrativa.

- ▶ Quinta-feira [02] | 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [10] | 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WHEEL OF LIFE / DA LUNHUI

de King Hu, Li Hsing, Pai Ching-Jui
com Hsue-Fen Peng, Huo-Yen Chiang, Chun Shih

Taiwan, 1983 - 104 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Um filme em episódios, com uma estrutura narrativa mais original do que os habituais pretextos temáticos que presidem estes filmes. Aqui, graças à reencarnação, os mesmos protagonistas aparecem em cada uma das três partes, situadas em três diferentes períodos da história chinesa: a dinastia Ming, os primeiros anos do século XX e os anos de 1980. King Hu escolheu o período Ming, onde situou diversos dos seus filmes e o resultado, talvez devido à duração de meia hora, é mais rápido e direto do que o seu estilo habitual.

- ▶ Sábado [04] | 18h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [07] | 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FOUR MOODS / HIS NOU AI LUEH

de Bai Jing-rui, King Hu, Lee Hsing, Li Hang-hsiang
com Chen Chen, Ou Wai, Li Li-hua

Taiwan, 1970 - 144 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Segundo declarou King Hu numa entrevista à *Positif*, este filme em episódios “foi feito para reunir fundos e salvar Li Hang-hsiang [que realizou um dos episódios] da falência e da prisão. Mais tarde soube que ele não estava arruinado e tinha dinheiro no banco!”. Como nos filmes em episódios realizados na Europa nos anos 60, este tem um tema genérico, os quatro estados de espírito indicados no título em inglês: felicidade, alegria, tristeza e cólera. O episódio de King Hu, tirado de um espetáculo da Ópera de Pequim, aborda a cólera. A história decorre num albergue cujos donos são ladrões. Explica o realizador: “Há poucos diálogos e embora a ação se passe em plena luz, as personagens comportam-se como se vivessem num lugar escuro e isto cria um efeito cómico.” Na opinião de Stephen Teo este é o filme “em que a dívida de King Hu em relação à Ópera de Pequim é mais nítida, tudo é feito para evocar o teatro, com cenários diminutos e a batida regular de um instrumento de percussão”.

- ▶ Sábado [04] | 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [07] | 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A TOUCH OF ZEN / XIA NU

de King Hu
com Hsu Feng, Shih Chun, Bay Yíng

Taiwan, 1971 - 180 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Muitos comentadores consideram A TOUCH OF ZEN (a tradução literal do título chinês, XIA NU, é “a jovem perseguida”) como a obra-prima absoluta de King Hu, pela perfeição da *mise en scène* na qual se encaixa uma história de vingança e perseguição, levada até ao fim com um refinamento cinematográfico excepcional. Baseado num clássico da literatura chinesa, uma coleção de

histórias de fantasmas, trata-se de um filme de atmosfera por excelência: um pintor apaixonado-se por uma jovem que vive numa fortaleza-fantasma e que é ela própria um espectro. Observando a junção do tema místico e da “ação” vingadora no filme, Hubert Niogret notou que em A TOUCH OF ZEN “a ação é uma marcha justiceira que não conhece limites, a não ser uma mística em que o ser se funde no universo, mostrando brilhantemente como uma ideia filosófica, (o Zen: precisão, auto controlo, ascetismo, eficácia, lealdade) encarna-se nos gestos, na ação. As diversas formas de kung-fu são levadas ao extremo porque transmitem uma ideia e reatam com as suas origens”.

- ▶ Segunda-feira [06] | 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [08] | 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LEGEND OF THE MOUNTAIN / SHAN ZHONG ZHUAN QI

de King Hu
com Hsu Feng, Sylvia Chang, Shi Chun

Taiwan, 1979 - 192 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

LEGEND OF THE MOUNTAIN / SHAN ZHONG ZHUAN QI foi realizado imediatamente a seguir a RAINING IN THE MOUNTAIN / KONG SHAN LING YU, em espetaculares paisagens naturais montanhosas na Coreia. Como em outros filmes de King Hu, há um elemento místico no argumento: um grupo de espectros procura a fórmula para uma verdadeira reencarnação, que está contida num texto religioso que um jovem estudante tem a função de copiar, num mosteiro. Como de costume, o realizador usa ao máximo os efeitos cromáticos e favorece o ambiente em detrimento da narrativa, que é menos importante do que a magia da atmosfera, do que os poderes hipnóticos do cinema sobre o espectador. Stephen Teo é da opinião que este foi o último grande trabalho de King Hu, cuja obra e cujo prestígio entraram em declínio nos seis restantes filmes que faria.

- ▶ Quinta-feira [09] | 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [13] | 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VENGEANCE OF THE PHOENIX SISTERS / SAN FENG ZHEN WU LIN

de Chung Hongmin
com Yang Lihua, Liu Qing, Jin Mei

Taiwan, 1968 - 88 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Este é o primeiro dos vinte filmes que Chung Hongmin realizou ao longo de trinta anos, entre 1957 e 1987 (Chung Hongmin também foi montador de mais de cem filmes, entre os quais DRAGON INN, de King Hu). Realizado logo a seguir a este filme, que é considerado um ponto de viragem no cinema de artes marciais, devido ao esmero da realização, VENGEANCE OF THE PHOENIX SISTERS / SAN FENG ZHEN WU LIN, narra, como indica o título e é o caso de muitos filmes de artes marciais, uma história de vingança. Um grupo de bandidos mata um antigo responsável pela lei e a sua mulher. Um criado consegue salvar as três filhas pequenas do casal, que são criadas separadamente. Quinze anos depois, as três procuram vingança, cada qual pelo seu lado (uma delas disfarça-se de homem) e os seus caminhos acabam por se cruzar. O filme pode ser considerado como um dos primeiros a seguir os caminhos apontados por King Hu em direção a um cinema de artes marciais de qualidade.

- ▶ Quinta-feira [09] | 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [14] | 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A CITY CALLED DRAGON / LONG CHENG SHI RI

de Tu Chung-Hsun
com Feng Hsu, Chun Shih, Hui-Lou Chen

Taiwan, 1970 - 90 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Mais um primeiro filme, realizado na esteira do impacto dos filmes de King Hu. Situado, como é regra no género, numa era remota, o filme opõe o imperador e um grupo de rebeldes refugiados nas montanhas. Uma mulher é enviada para buscar planos secretos, que deverá entregar aos rebeldes, mas um político apodera-se dos documentos e ela tem de encontrar maneira de recuperar os documentos

e vingar-se do homem. Seguindo a então nova moda no cinema de artes marciais, o papel principal é representado por uma mulher guerreira (Feng Hsu, uma das atrizes preferidas de King Hu) e a encenação dos combates, que são a alma destes filmes, é grandiosa e esmerada.

- ▶ Sexta-feira [10] | 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [14] | 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SWORDSMAN OF ALL SWORDSMEN / YI DAI JIAN WANG

de Joseph Kuo
com Lingfeng Shangguan, Tsai Lai-Chieh,
Pearl Yang, Yun Chug-chu

Taiwan, 1968 - 84 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Joseph Kuo assinou nada menos de 61 longas-metragens a partir de 1958, sendo o filme desta sessão o seu sétimo. Como em tantos filmes de artes marciais, trata-se de uma história de vingança, que se desenrola por um período de vinte anos, por parte de um homem que procura aquele que matou o seu pai. Determinado e temível espadachim (a espada é a arma principal no cinema de artes marciais, assim como a pistola é no *western*), o homem mata pessoas que cruzam o seu caminho e acaba por fazer amizade com uma misteriosa personagem, que talvez seja aquele que busca.

- ▶ Sábado [11] | 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [15] | 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BRAVEST REVENGE / WU LIN LONG HU DOU

de Lung Chien
com Lingfeng Shangguan, Peng Tien, Yuan Yi

Taiwan, 1970 - 91 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Lung Chien realizou nada menos de 33 filmes entre 1963 e 1975, três dos quais tiveram entrada no mercado português, quando ninguém levava este cinema a sério, com os seguintes títulos: MASSACRE FINAL, A VIOLÊNCIA DO LEOPARDO e A RAINHA DO KARATÉ. O filme que apresentamos, um dos últimos que realizou, com extrema destreza e elegância, é mais uma história de vingança: os filhos de um homem que foi assassinado por um bandido preparam-se durante cinco anos para se vingarem dele e recebem a ajuda de um grande espadachim. Mas descubram que têm de enfrentar um exército de cem bandidos antes de chegarem ao homem de quem procuram vingar-se. As diversas reviravoltas e surpresas do argumento permitem ao realizador mostrar a gama das suas capacidades, embora alguns comentadores sejam da opinião que o filme tem elementos de paródia do género que ilustra.

- ▶ Segunda-feira [13] | 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [16] | 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GHOST HILL / SHI WAN JIN SHAN

de Shan-Hsi Ting
com Tsai Ing-chieh, Feng Chun-ching, Kung Chin-hsia

Taiwan, 1971 - 90 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Shan-Hsi Ting é mais um prolífico realizador de Taiwan, tendo assinado 56 longas-metragens entre 1966 e 1999, das quais cinco foram distribuídas em Portugal, nos tempos em que o cinema de artes marciais era o género mais popular no mundo e havia salas igualmente “populares” para estes filmes: LUTADOR EM FÚRIA, FÚRIA EM HONG-KONG, A PONTE MAIS LONGA, OS DRAGÕES ATACAM e O BOXEUR INFERNAL. Em THE GHOST HILL / SHI WAN JIN SHAN, o clássico tema da vingança, típico do cinema de artes marciais e por vezes associado ao do aprendiz, assume uma dimensão mais coletiva do que é habitual: um senhor feudal tenta ativar dois clãs rivais um contra o outro, mas os adversários acabam por unir forças contra ele. O ritmo é rápido do começo ao fim e o filme contém magníficas sequências de batalha.

CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

Argumentista, realizadora, encenadora e cenógrafa, entre outros ofícios cumpridos na decoração e guarda-roupa de teatro, ópera e cinema, Christine Laurent (1944-2023) manteve uma ligação de proximidade com Portugal, onde em meados dos anos 1980 realizou a sua segunda longa-metragem, *VERTIGES*, e onde, a partir da década seguinte, trabalhou com o Teatro da Cornucópia juntando os cúmplices da companhia, desde logo Luis Miguel Cintra e Cristina Reis, ao círculo de amizades e cumplicidades artísticas do cinema. Os espetáculos que aí encenou, *Diálogos sobre a Pintura na Cidade de Roma*, de Francisco de Holanda, *Barba-Azul*, de Jean-Claude Biette, *O Lírio*, de Ferenc Molnár, *Ensaio para O Ginjal*, de Anton Tchekov, *Menina Elsa*, de Arthur Schnitzler... são um valioso capítulo da história e legado da Cornucópia. Em ocasionais participações como atriz, foi dirigida por René Allio, Paul Vecchiali ou Pierre Léon, mas a sua filmografia extra-realização é especialmente marcada pelo trabalho como (co)argumentista de Jacques Rivette, frequentemente em dupla com Pascal Bonitzer (*LA BANDE DES QUATRE*, *LA BELLE NOISEUSE*, *HAUT*, *BAS*, *FRAGILE*, *VA SAVOIR*, *HISTOIRE DE MARIE ET JULIEN*, *TRENTE-SIX VUES DU PIC SAINT-LOUP*). Como cineasta, assinou o mesmo número de seis longas-metragens da colaboração com Rivette (além de *JEANNE LA PUCELLE: LES BATAILLES*, cujos diálogos assinou): entre 1976 e 2012 realizou *A. CONSTANT*, *VERTIGES*, *EDEN MISERIA*, *TRANSATLANTIQUE*, *CALL ME AGOSTINO*, *DEMAIN?*, dos quais quatro foram produzidos pelo produtor português Paulo Branco, sendo o último uma coprodução luso-francesa de Martine de Clermont-Tonnerre com Luís Urbano e Sandro Aguilar. No obituário publicado no *Libération* no início do ano, Olivier Séguret notou como Christine Laurent habitou uma “dimensão paralela do cinema francês” extremamente singular, na qual *VERTIGES* figura como o título mais conhecido, *CALL ME AGOSTINO* (2006) o mais secreto e *EDEN MISERIA* (1988) e *TRANSATLANTIQUE* (1996) os pólos mais poéticos e radicais. Vários dos seus filmes foram apresentados na Cinemateca em diversas ocasiões, tanto mais especiais quanto as que contaram com a sua presença.



VERTIGES

► Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VERTIGES

de Christine Laurent

com Magali Noël, Krystina Janda, Paulo Autran, Henri Serre, Luis Miguel Cintra, Maria de Medeiros, Jorge Silva Melo, Manuel Mozos

Portugal, França, 1985 – 111 min / legendado em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

VERTIGES é o mais conhecido trabalho de Christine Laurent na realização, feito num momento em que diversas produções francesas independentes foram rodadas em Portugal. Filme sobre a relação entre a arte e a vida, sobre a teia de desejos que une os protagonistas, é uma obra extremamente pessoal e original, cuja narrativa segue a vida de uma trupe de ópera que ensaia *As Bodas de Fígaro* em Lisboa. O filme teve ante-estreia na Cinemateca em 1985 e várias passagens ao longo dos anos; as últimas aconteceram em 2010, no contexto de uma das edições “O Cinema à volta de cinco artes, cinco artes à volta do cinema”, e em 2013, quando Christine Laurent veio apresentá-lo ao lado de Luis Miguel Cintra, assinalando a passagem dos quarenta anos do Teatro da Cornucópia.

► Quarta-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRANSATLANTIQUE

de Christine Laurent

com Joaquin Olarreaga, Monique Melonand, Laurence Côte, Hécator Spinelli

Uruguai, França, Portugal, 1997 – 111 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento dela própria, Philippe Arnaud e André Téchiné, o romanesco filme de Christine Laurent é uma história de Montevideo, Uruguai, onde uma cantora, Laura, experimenta a atração da cidade, e de um continente que desconhece, enquanto procura o homem que ama. A protagonista é Laurence Côte, cúmplice de Laurent dos filmes de Rivette (*LA BANDE DES QUATRE*, *HAUT*, *BAS*, *FRAGILE*), o realizador com quem Laurent trabalhou recorrentemente como argumentista. “Em *TRANSATLANTIQUE* quis dar-lhe [a Laurence Côte] a possibilidade de representar uma personagem muito diferente dos seus papéis habituais (...), um papel no qual a maturidade se tornasse progressivamente visível no seu rosto” (Christine Laurent).

► Quarta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

36 VUES DU PIC SAINT-LOUP

36 Vistas do Monte Saint-Loup

de Jacques Rivette

com Jane Birkin, Sergio Castellitto, André Marcon

França, 2009 – 84 min / legendado em português | M/12

O último filme de Jacques Rivette retoma alguns dos seus temas fundamentais e, na sua enorme serenidade “paisagística”, reenvia para algumas das suas experiências dos anos 1970. O palco (neste caso o de um circo) como o cenário “perigoso” onde tudo se arrisca e tudo se expõe; e, na história de Birkin e Castellitto, os “movimentos” amorosos feitos de aproximações e esquivas. Um muito belo fecho de obra. O argumento é assinado por Rivette, Christine Laurent, Pascal Bonitzer e Shirel Amitay.

► Sexta-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DEMAIN?

de Christine Laurent

com Laure de Clermont, Marc Ruchmann, Teresa Madruga, Adriano Luz, Luis Miguel Cintra, Vladimir Léon, Beatriz Batarida, Diogo Dória

França, Portugal, 2011 – 105 min
legendado em português | M/12

A última longa-metragem de Christine Laurent, rodada em Portugal com um elenco e equipa parcialmente portugueses, inspira-se na vida breve e trágica da poetisa uruguaia Delmira Agustini (1886-1914). Delmira é “um corpo feito de eletricidade” (palavras maternas) cuja pulsão artística existe em desacordo com as convenções do mundo que habita nas vésperas da Primeira Guerra Mundial. A sinopse refere a interrogação sobre “como conjugar o amor e a liberdade”. A crítica notou a ligação ao teatro, uma atmosfera peculiar na continuidade do trabalho de Laurent no cinema. Apresentado na 12ª Festa do Cinema Francês em Portugal e nos festivais de La Roche sur Yon, Roterdão e Edimburgo, o filme não teve estreia portuguesa, tendo sido disponibilizado nas plataformas digitais com o título *AMANHÃ?*. Primeira apresentação na Cinemateca.

A CINEMATECA COM A MONSTRA

A Cinemateca volta a colaborar com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa, este ano na sua 22ª edição, com cinco sessões, que se vêm juntar às sessões organizadas em conjunto para a celebração do Centenário do Cinema de Animação Português, também referidas neste jornal. Este ano, o festival celebra o inigualável legado da animação japonesa, com uma sessão dedicada a três dos seus pioneiros: Yasuji Murata, Noburo Ofuji e Kenzo Masaoka, uma retrospectiva de Renzo e Sayoko Kinoshita e ainda uma sessão com obras de Kihachirō Kawamoto e Koji Yamamura. Serão ainda exibidas as longas-metragens de dois mestres da animação da República Checa, Jan Svankmajer e Jiri Trnka.

► Segunda-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

OS PIONEIROS DA ANIMAÇÃO JAPONESA

TAKO NO HONE

“O Osso do Polvo”

de Yasuji Murata Japão, 1927 – 5 min

TSUKI NO MIYA NO ÔJOSAMA

“A Princesa do Palácio da Lua”

de Yasuji Murata Japão, 1934 – 11 min

KUJIRA

“A Baleia”

de Noburo Ofuji Japão, 1952 – 8 min

KUMO NO ITO

“O Fio da Aranha”

de Noburo Ofuji Japão, 1946 – 10 min

YÛREISEN

“O Navio Fantasma”

de Noburo Ofuji Japão, 1956 – 11 min

NANSENSU MONOGATARI DAI IPPEN SARUGASHIMA

“História Sem Sentido, Vol. 1: Ilha do Macaco”

de Kenzo Masaoka Japão, 1930 – 24 min

Duração total da projeção: 69 min

Legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Nesta sessão viajamos até aos primórdios do cinema de animação japonês, através de curtas-metragens de Yasuji Murata, Noburo Ofuji e Kenzo Masaoka. *TAKO NO HONE*, de Murata, é baseado na lenda de Urashima Taro, um pescador que é transportado para um mundo subaquático fantástico na carapaça de uma tartaruga. Partindo deste conto, Murata cria um universo surrealista composto por animais marinhos, macacos e híbridos homem-peixe com roupa de samurai, para nos contar a história do polvo e de como ele perdeu o seu osso. Yasuji Murata e Noburo Ofuji afirmaram-se como mestres da animação de recorte (*cut-out animation*). Noburo Ofuji é reconhecido como um dos mais notáveis autores de *anime* da primeira metade do século XX, dando nome a um dos mais prestigiados prémios da indústria, a categoria Ofuji Noburo dos Mainichi Film Awards. Em 1957, inspirado pelas possibilidades do cinema a cores, Noburo realiza uma nova versão do seu filme de 1927, *KUJIRA*, recorrendo a silhuetas recortadas e a papel celofane transparente colorido. Estas técnicas são também utilizadas pelo autor em *YÛREISEN*, obra que arrecadou uma menção honrosa como filme experimental no Festival de Veneza de 1956. Ofuji Noburo combina majestosamente música e efeitos visuais, criando obras de uma beleza extraordinária. Nas curtas-metragens do autor exibidas nesta sessão, são recorrentes os temas da morte e da redenção. Kenzo Masaoka que, juntamente com Murata e outros realizadores da mesma geração, fundou, em 1945, a Shin Nihon Dōga Sha (Nova Companhia de Animação Japonesa) ficou conhecido por ter sido um dos pioneiros em *cel animation* (animação em celuloide) na história da cinematografia de animação japonesa.

Na sua curta-metragem NANSENSU MONOGATARI DAI IPPEN SARUGASHIMA, acompanhamos a história de um bebé, que é lançado de um navio para uma ilha de macacos, onde será criado como um deles.

► Terça-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

FUYU NO HI

"Dias de Inverno"

de vários realizadores | Japão, 2003 - 39 min

KAFUKA: INAKA ISHA

"Franz Kafka - Um Médico Rural"

de Koji Yamamura | Japão, 2007 - 21 min

duração total da projeção: 60 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Esta sessão é composta por duas curtas-metragens de animação baseadas em clássicos da literatura. FUYU NO HI é uma adaptação do homónimo *renku* - género de poesia colaborativa japonesa - de Matsuo Bashō, escrito em 1684. Seguindo a tradição colaborativa deste tipo de poesia, Kihachirō Kawamoto convidou 34 autores para representarem, através da animação, cada uma das 36 estâncias do poema. A combinação de diferentes interpretações e estilos visuais, resulta numa obra harmoniosa sobre os dias de inverno no Japão, um tributo ao grande mestre Matsuo Bashō e à cultura japonesa. KAFUKA: INAKA ISHA é uma adaptação de conto de Franz Kafka que narra a história de um médico de aldeia infeliz e insatisfeito que, numa noite de inverno, visita um jovem paciente. Yamamura transpõe para a sua animação o carácter surrealista da obra de Kafka, criando uma curta-metragem com uma atmosfera sombria, que reflete os sentimentos de solidão e desespero do protagonista.

► Quarta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

RETROSPETIVA RENZO E SAYOKO KINOSHITA

PICA-DON

Japão, 1978 - 9 min

THE LAST AIR RAID KUMAGAYA

Japão, 1993 - 29 min

RYUKYU OKOKU - MADE IN OKINAWA

Japão, 2014 - 18 min

HIROSHI KUN WA SORA GA SUKI

"Uma Pequena Viagem"

Japão, 1994 - 13 min

MADE IN JAPAN

Japão, 1972 - 9 min

JAPONESE

Japão, 1977 - 6 min

filmes de Renzo Kinoshita

duração total da projeção: 84 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Renzo e Sayoko Kinoshita são duas figuras centrais na História do cinema de animação japonês. Na maioria dos filmes em que colaboraram, Renzo assumiu a realização, Sayoko escreveu e produziu. Em 1981, fundaram a ASIFA - Japan, a filial japonesa da Associação Nacional de Cinema de Animação, da qual Sayoko é presidente. Com o seu Studio Lotus, Renzo e Sayoko produziram curtas-metragens de animação que alcançaram reputação internacional. As obras apresentadas nesta retrospectiva são animações que abordam a história e a cultura contemporânea do Japão. PICA-DON, um dos seus filmes mais influentes, descreve as consequências do bombardeamento atómico de Hiroshima em agosto de 1945. Esta foi a primeira tentativa de abordar esta temática usando o cinema de animação. Em 1985, Renzo e Sayoko Kinoshita fundaram e produziram o primeiro festival e competição internacional de animação na Ásia, o Hiroshima International Animation Festival. Os horrores dos conflitos bélicos e os bombardeamentos sofridos pelo Japão durante a II Guerra Mundial são também o tema central em THE LAST AIR RAID KUMAGAYA. Nesta curta-metragem, acompanhamos Sachiko, uma criança que perdeu a sua família nos bombardeamentos de Tóquio, e que viaja até Kumagaya para encontrar a família do tio. Na noite seguinte, Kumagaya é alvo de um bombardeamento - o último que atingiu o território japonês, a 14 de agosto de 1945, a noite que antecedeu o final da II Guerra Mundial. RYUKYU OKOKU - MADE IN OKINAWA é um documentário de animação que descreve a história e o espírito de Okinawa, a

ilha mais meridional do Japão. A sessão inclui ainda HIROSHI KUN WA SORA GA SUKI, MADE IN JAPAN e JAPONESE, curtas-metragens que revelam uma visão crítica da sociedade japonesa moderna.

► Quinta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

STARÉ POVESTI CESKÉ

"Velhas Lendas Checas"

de Jiri Trnka

Checoslováquia, 1953 - 91 min

legendado eletronicamente em português | M/12

STARÉ POVESTI CESKÉ ("Velhas Lendas Checas"), é uma longa-metragem baseada no livro *Velhas Lendas Boémias* (1894), de Alois Jirásek. Numa majestosa obra em *stop motion*, Trnka recorre às marionetas - que ele próprio criava - para evocar/recriar algumas lendas checas (ou boémias). A apresentar em cópia digital.

► Sexta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

NECO Z ALENKY

"Alice" ou "Qualquer Coisa de Alice"

de Jan Svankmajer

Checoslováquia, Suíça, Reino Unido, República Federal da Alemanha, 1990

86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Vindo do teatro, e tendo passado, entre outros, pelo célebre Lanterna Mágica, em Praga, Jan Svankmajer começou a realizar filmes em 1964. NECO Z ALENKY é a concretização de um antigo sonho seu: adaptar *Alice no País das Maravilhas* ao cinema. Svankmajer abandona o imaginário terno do conto de fadas e apresenta-nos uma versão sombria e surrealista da obra de Lewis Carroll. Combinando *live action* e animação *stop motion*, Svankmajer insinua a tensão entre realidade e sonho. Numa entrevista de 1989 à revista *Positif*, o realizador afirmou: "O livro pertence à minha mitologia pessoal. Não quis fazer uma interpretação, nem uma ilustração direta e sim uma adaptação que refletisse as experiências da minha infância. Para mim, não se trata de um conto de fadas, mas de um sonho". A apresentar em cópia digital.

DOUBLE BILL

J OCHUKKO e MOONFLEET são duas produções de 1955, realizadas no Japão (Nikkatsu), por Tomotaka Tasaka, e nos EUA (MGM), por Fritz Lang. Desde logo distantes nas características técnicas - o preto e branco formato de imagem quadrado de JOCHUKKO a contrastar com o Eastmancolor CinemaScope de MOONFLEET - são aproximáveis como contos de perda.

As outras duplas de março tecem-se na visibilidade e na invisibilidade, aproximando CITY LIGHTS de Chaplin e ON DANGEROUS GROUND de Nicholas Ray, dois "clássicos" absolutos das décadas de 1930 e 50; LOU N'A PAS DIT NON de Anne-Marie Miéville e CANYON PASSAGE de Jacques Tourneur, num *raccord* menos translúcido; THE MAGNIFICENT AMBSERSONS e BLIND HUSBANDS de Orson Welles e Erich von Stroheim, dois cineastas de começos fulgurantes, com queda para uma certa "maldição". BLIND HUSBANDS é apresentado numa nova e recente versão (digital de alta definição) que recupera material desaparecido e tem sido anunciada como "a versão original de 1919" (por oposição à versão americana de 1924 em que tem sido visto): um verdadeiro acontecimento.

► Sábado [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JOCHUKKO

O Menino da Ama

de Tomotaka Tasaka

com Sachiko Hidari, Shūji Sano, Yukiko Todoroki, Chieko Higashiyama, Teruo Inaba, Jō Shishido

Japão, 1955 - 143 min / legendado em português

MOONFLEET

O Tesouro de Barba Ruiva

de Fritz Lang

com Stewart Granger, Jon Whiteley, Joan Greenwood, George Sanders, Viveca Lindfors

Estados Unidos, 1955 - 87 min / legendado em português

duração total da projeção: 230 min | M/12

A PROJEÇÃO DECORRE COM UM INTERVALO DE 20 MINUTOS ENTRE OS DOIS FILMES



Baseado num romance de Shigeo Yuki, O MENINO DA AMA conta a pungente história da ligação de Hatsu, uma jovem ama, e do pequeno Katsumi: Hatsu deixa a família e a sua terra, rural e longínqua, para saldar uma dívida de gratidão, indo trabalhar em Tóquio, junto dos Kajiki. A experiência na capital japonesa, em casa de uma família burguesa, raia a decepção, deixando florescer uma relação de grande cumplicidade com o filho mais novinho que terá de aprender o que é uma despedida. Sucede algo de parecido ao miúdo de MOONFLEET, num território de aventura e piratas: o universo de Stevenson, entre *Treasure Island* e *Kidnapped*, não teve melhor versão no cinema do que esta obra-prima de Fritz Lang, que adapta o livro de outro escritor, J. Meade Falkner. Segue a estranha história de um garoto, órfão, que se liga de amizade com um contrabandista numa viagem rumo à descoberta do fabuloso diamante do Barba-Ruiva, escondido na cisterna de uma fortaleza. O MENINO DA AMA foi estreado em Portugal com um desfaseamento de 66 anos, numa singular iniciativa de distribuição da The Stone and the Plot com Miguel Patrício, em 2021, integrando um lote de três títulos japoneses de 1955 até então inéditos fora do Japão. É um grande filme, uma obra de extrema sensibilidade, numa primeira apresentação na Cinemateca (em digital).

▶ Sábado [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CITY LIGHTS*Luzes da Cidade*de Charles Chaplin
com Charles Chaplin, Virginia Cherril,
Harry Myers, Hank Mann

Estados Unidos, 1931 – 87 min / mudo (com banda musical), intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português

ON DANGEROUS GROUND*Cega Paixão*

de Nicholas Ray

com Robert Ryan, Ida Lupino, Ward Bond

Estados Unidos, 1952 – 82 min / legendado em português
duração total da projeção: 169 min | M/12

A PROJEÇÃO DECORRE COM UM INTERVALO DE 20 MINUTOS ENTRE OS DOIS FILMES

▶ Sábado [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOU N'A PAS DIT NON

de Anne-Marie Miéville

com Marie Bunel, Manuel Blanc, Caroline Micla, Geneviève Pasquier, Métilde Weyergans

França, Suíça, 1994 – 78 min / legendado em inglês e eletronicamente em português

CANYON PASSAGE*Amor Selvagem*

de Jacques Tourneur

com Dana Andrews, Susan Hayward, Brian Donlevy, Ward Bond

Estados Unidos, 1946 – 92 min / legendado em português

duração total da projeção: 170 min | M/12

A PROJEÇÃO DECORRE COM UM INTERVALO DE 20 MINUTOS ENTRE OS DOIS FILMES

LOU N'A PAS DIT NON, segunda longa-metragem de Anne-Marie Miéville, inspira-se, em parte, na correspondência entre Lou Salomé e Rainer Maria Rilke, refletindo histórias

▶ Sábado [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MAGNIFICENT AMBERSONS*O Quarto Mandamento*

de Orson Welles

com Joseph Cotten, Dolores Costello, Anne Baxter,

Tim Holt, Agnes Moorehead, Orson Welles

Estados Unidos, 1942 – 88 min / legendado em português

BLIND HUSBANDS*O Abismo*

de Erich von Stroheim

com Erich von Stroheim, Sam de Grasse, Gibson Gowland, Francélia Billington

Estados Unidos, 1919 – 100 min, mudo (com banda musical) / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 188 min | M/12

A PROJEÇÃO DECORRE COM UM INTERVALO DE 20 MINUTOS ENTRE OS DOIS FILMES

O segundo filme de Welles foi mutilado pelo estúdio, que contratou outrem para acrescentar um *happy end*. História de uma poderosa família e da sua decadência,

Em pleno triunfo do cinema sonoro, Chaplin teve a ousadia de realizar um filme mudo com acompanhamento musical gravado com as imagens. Mas foi pela sua hábil mistura de burlesco e melodrama que CITY LIGHTS se tornou dos mais célebres e admirados dos seus filmes. A última imagem, um grande plano do rosto de Chaplin, atravessado por emoções contraditórias depois do reencontro com a rapariga, é das mais célebres e inesquecíveis de toda a história do cinema. ON DANGEROUS GROUND é um perturbante Nicholas Ray, que tem o seu centro no encontro entre um polícia violento e uma jovem cega, que vive numa casa isolada, casulo protetor para ela e o seu irmão adolescente, que será objeto de uma brutal caça ao homem. E é antes de mais, como se tem notado, um filme sobre o conflito entre o ver, o não ver, e o acreditar. CITY LIGHTS é apresentado em cópia digital.

de casais, ou uma história do casal. Lou e Pierre reencontram-se certa noite a que assistem, juntos, a um bailado numa longa e magnífica sequência (composta a partir da coreografia de Jean-Claude Gallotta, *Docteur Labus*, outra “fonte” do filme). A narrativa difusa acompanha o tempo da preparação da curta-metragem de Lou, que filma uma escultura representado Vénus e Marte no Louvre. A sua matéria e sensorialidade fluem dos “mistérios da carne e dos da mente” que Freddy Buache associou à dança desenfreada do *pas de deux* e à imobilidade das estátuas do filme numa carta enviada à realizadora em 1998. Na sessão, segue-se o belo western de Jacques Tourneur, com Dana Andrews e Susan Hayward, que celebra a ideia de comunidade a partir de uma história de interesses e paixões rivais entre pioneiros no Oregon com realismo e poesia. “Tourneur aplica ao western as mesmas regras que usou na abordagem dos filmes de terror: um desvio da estrada principal do género para percorrer insólitos e estranhos atalhos que têm a ver com a memória e a sugestão, que transfigura no olhar do espectador as imagens realistas que a câmara capta” (Manuel Cintra Ferreira). LOU N'A PAS DIT NON foi mostrado uma única vez na Cinemateca, em 1998, permanecendo algo raro em projeção.

em que a casa (com o seu pórtico, as suas escadas, cozinha, salões) é um elemento central. Para muitos, apesar da “ausência do *last cut*”, THE MAGNIFICENT AMBERSONS é uma obra de um poder tão ímpar como CITIZEN KANE. É o filme do famoso pós-genérico em que o cineasta e narrador, a voz do filme, apresenta em *off* os atores concluindo com “*And my name is Orson Welles*”. Nesta sessão, antecede BLIND HUSBANDS, obra seminal de Erich von Stroheim. O seu primeiro filme como realizador, argumentista e intérprete principal lançou a sua personagem amoral, aqui no papel de um sedutor sem escrúpulos que veste a farda do exército austríaco e é vítima das próprias manobras. Antes de mais, esta primeira obra-prima de Stroheim é um retrato exacerbado das paixões humanas, um dos traços perenes do seu cinema. Um grande clássico do período mudo, a apresentar na versão digital recentemente restaurada como a mais próxima do original de 1919, a partir de uma cópia de época, do argumento e do guião originais pelo Arquivo Austríaco e pelo MoMA. É aí que se pormenoriza como esta nova cópia digital (cotejada com a versão americana de 1924 que circulou nas últimas décadas) “permite uma nova apreciação da singularidade da visão de Stroheim, recuperando uns sete minutos de filme (a maioria dos quais planos longos) e reconstruindo o seu aturado esquema cromático de tintagens e viragens”.

ANTE-ESTREIAS

Um conjunto muito diversificado de sessões preenche a rubrica de ante-estreias em março. Para além dos mais recentes filmes de Marco Martins (THE GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES) e Albert Serra (PACIFUNCTION), apresentamos três sessões de curtas-metragens: a primeira é composta por 25 obras filmadas em formato Super 8 expressamente para serem exibidas no festival Straight 8; a segunda mostra três curtas recentemente produzidas pela O Som e a Fúria; a terceira integra os exercícios dos finalistas do Ar.Co.

▶ Quarta-feira [01] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CURTAS-METRAGENS STRAIGHT 8

vários realizadores

duração total da projeção: 75 min / legendados em português | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Uma sessão com os melhores filmes apresentados no festival de cinema londrino Straight 8 dedicado ao formato do Super 8. A sessão inclui 25 filmes de 3 minutos cada, oriundos de todo o mundo e filmados num único cartucho de película Super 8 (o regulamento do festival impede qualquer montagem posterior à filmagem). Esta seleção heterogénea, apresenta múltiplas visões sobre diferentes problemáticas da existência humana: o amor, as relações românticas, o trabalho, as fobias e os medos, a fuga da identidade, a autossabotagem, a demência, a relação dos artistas com as suas próprias criações e até mesmo as potencialidades do cinema. Fantasia, surrealismo, comédia, drama e ficção científica em 25 curtas-metragens que nos transportam para diferentes universos. A sessão conta com a presença do diretor do festival Straight 8 e de Vieira Vasco, realizador português que é autor da curtas-metragem ADMIT ONE, distinguida pelo festival em 2022. Em ADMIT ONE um cinéfilo apaixonado explora eroticamente a beleza do cinema, do assento ao ecrã.

▶ Sexta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRÊS CURTAS-METRAGENS DE O SOM E A FÚRIA**OSO** de Bruno Lourenço

com António Mortágua, Sofia Pires, Paulo Barroso, Joaquim Carvalho

Portugal, 2021 – 28 min

HOTEL ROYAL de Salomé Lamas

com Ana Moreira, Tomás Antunes, Carloto Cotta

Portugal, 2021 – 29 min

2ª PESSOA de Rita Barbosa

com Márcia Breia, Daniel Pizamiglio

Portugal, 2022 – 16 min

duração total da projeção: 73 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

Em OSO, “o relato do avistamento de um urso solitário numa vila fronteiriça é inicialmente recebido com entusiasmo pelos locais e por uma jovem vigilante da natureza. Mas também por um forasteiro, fervoroso adepto do regresso do urso-pardo ao norte de Portugal. Não se adivinha um regresso pacífico, entre os obstáculos criados pelo Homem e a vontade do urso.” Passado num hotel à beira-mar, HOTEL ROYAL é “um fragmento e incompleto mosaico

das sociedades contemporâneas. Poderia ser apelidado de um filme sobre os horrores da alma, sobre voyeurs ou simplesmente sobre inadaptados." 2ª PESSOA ramifica-se em torno do crescimento de cogumelos tóxicos numa casa de banho após uma infiltração. "Sentada na sanita, a senhora desta casa, olha para cima e observa aquele mágico e misterioso fungo que não é bicho, nem é planta. O cogumelo é o futuro, pensou." (das sinopses dos filmes)

► Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CURTAS-METRAGENS DO Ar.Co

SUPERNAL de Arturo Monterroso García
com Sara Mercier, Joana Cunha Ferreira, Bruno Maires
Portugal, 2022 – 14 min

CÁ ESTAMOS – ABSOLUTAMENTE

de Ana Teresa Martins
Portugal, 2022 – 2 min

O DESENHO DOS SONHOS de Bruno Maires
com Francisca Sardinha, Arturo Monterroso García,
Camila Miroso Lutas, Joana Pacheco

Portugal, 2022 – 8 min

AMANHÃ de Mariana Meneses

com Dullier Correia, João Gomes,
Manoel dos Santos Lima

Portugal, 2022 – 6 min

AMAZONIA BREATH de Nuno Gonçalves

Portugal, 2022 – 3 min

NERVO MORTO de Margarida P. Fonseca

com Mariana Meneses, Pureza Ferreira

Portugal, 2022 – 9 min

AT LAND de Francine Ramos, Francisca Sardinha,

Francisco Sousa, Joana Pacheco,
Teresa Molina

com Leonor Carneiro

Portugal, 2022 – 9 min

HODIERNO de Gonçalo Fonseca

com Miguel Baltazar, João Parreira, Anastasiya Adamenko

Portugal, 2022 – 15 min

duração total da projeção: 66 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Sessão composta por oito curtas-metragens que

demonstram, com uma variedade géneros e técnicas, os jovens esforços levados a cabo pelas alunas e alunos do Ar.Co ao longo do ano de 2022. Em SUPERNAL, filme sobre a memória e carácter mais mágico dos encontros com o passado, Aurora decide visitar a casa onde a mãe biológica viveu antes de morrer. CÁ ESTAMOS – ABSOLUTAMENTE dá uma "resposta" às dualidades e simbioses entre a palavra e o texto. O DESENHO DOS SONHOS explora o registo dos sonhos através do texto e do desenho, através da personagem de Kika, que batalha para conseguir desvendar a origem de um sonho que não consegue registar. AMANHÃ imprime nas suas imagens a relação entre o espaço e o tempo da paisagem e dos elementos e vida que aí se integram e "encontram camuflagem". AMAZONIA BREATH "explora as relações entre as sensações sonoras imaginárias da respiração e da destruição pelo fogo e as sensações visuais da floresta da Amazônia". NERVO MORTO conta a história de Luísa, uma rapariga que tenta descobrir o sentido da sua vida na compatibilidade em dois mundos distintos em termos sonoros. Adaptado do argumento *At Land*, escrito por Maya Deren, AT LAND é uma curta-metragem experimental e onírica sobre uma rapariga que dá à costa numa praia. HODIERNO retrata relações sociais e pessoais de um grupo de amigos, revelando, particularmente, as tensões e as insuficiências da amizade entre dois amigos.

► Quarta-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PACIFUNCTION

de Albert Serra

com Benoît Magimel, Sergi López, Cécile Guilbert

França, Espanha, Alemanha, Portugal, 2022 – 165 min
legendado em português | M/16

COM A PRESENÇA DE ALBERT SERRA

Considerado por alguns críticos como um dos melhores filmes de 2022, a mais recente longa-metragem do realizador catalão Albert Serra é uma coprodução internacional com participação da portuguesa Rosa Filmes. Tendo estreado no Festival de Cannes em 2022, venceu o prémio Louis Delluc desse ano. A ação de PACIFUNCTION desenrola-se no Taiti, uma das ilhas da Polinésia Francesa. Benoît Magimel interpreta De Roller,

o astuto Alto-Comissário da República Francesa e funcionário do governo que divide a sua vida entre o mundo das mais altas elites políticas e os bares noturnos onde socializa com habitantes locais de classes mais desfavorecidas. A chegada de um misterioso submarino começa a alimentar o rumor de que a França se pode estar a preparar para realizar novos ensaios nucleares naquela área (como aconteceu entre 1966 e 1996). PACIFUNCTION é um *thriller* político alucinante e paranoico, que aborda as problemáticas das relações pós e neocoloniais.

► Sexta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES

The Great Yarmouth – Figuras Provisórias

de Marco Martins

com Beatriz Batarda, Nuno Lopes, Kris Jitchen

Portugal, França, Inglaterra, 2023 – 113 min
legendado em português | M/16

COM A PRESENÇA DE MARCO MARTINS

THE GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES resulta do interesse de Marco Martins sobre a relativamente desconhecida onda de emigração de portugueses que procuraram trabalho em fábricas de transformação alimentar no Reino Unido na região de Norfolk onde se situa a cidade de Great Yarmouth. Materializada primeiramente numa peça de teatro baseada em testemunhos individuais dos trabalhadores e dos habitantes locais, a investigação do realizador conclui-se aqui numa longa-metragem de ficção que age como "uma reflexão sobre os problemas da identidade e da emigração num contexto urbano fortemente abalado pela crise económica e consequentes convulsões sociais", através da história real de uma "traficante de mão de obra barata que operava junto das agências". Em THE GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES, Tânia "vive da exploração dos emigrantes que instala nos decadentes hotéis da marginal (pertencentes ao pai do seu marido) na esperança de um dia vir a adquirir cidadania inglesa e deixar o negócio de alojamento dos imigrantes, transformando os hotéis do seu marido em residências para cidadãos seniores". (da sinopse do filme)

CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

Na terceira sessão do programa mensal com que, ao longo de 2023, a Cinemateca – em colaboração com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa – assinala o centenário do cinema de animação português, o foco é nas mulheres realizadoras. Desde o final da década de 1990, que a presença feminina nos créditos de realização dos filmes de animação produzidos em Portugal se tornou cada vez mais frequente. Para além do seu nome mais consagrado, Regina Pessoa, existem hoje mais do que duas dezenas de autoras de animação cujos trabalhos têm conhecido amplo reconhecimento nacional e internacional. Esta sessão dá conta do trabalho de várias delas, ficando reservada uma segunda sessão até ao final do ano com nomes da mais nova geração.

► Quinta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro | SESSÃO CURTAS-METRAGENS DE MULHERES REALIZADORAS

SELO OU NÃO SÊ-LO de Isabel Aboim Inglez

com Ana Brandão

Portugal, 2006 – 9 min

NESTE NATAL EU QUERIA de Graça Gomes

Portugal, 1998 – 3 min

FRAGMENTOS DE SAL de Cristina Teixeira

Portugal, 2000 – 8 min

INTERSTÍCIOS de Marina Estela Graça

Portugal, 2001 – 6 min

COISAS & LOIÇAS de Sandra Santos

Portugal, 2001 – 5 min

PARA O IGLOO DA AVOZINHA de Sandra Ramos

Portugal, 2003 – 3 min

A DAMA DA LAPA de Joana Toste

Portugal, 2004 – 5 min

HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ

de Regina Pessoa

Portugal, Canadá, França, 2005 – 8 min

MULHER de Irina Calado

Portugal, 2005 – 5 min

THE TAILOR'S KISS de Joana Bartolomeu

Portugal, 2005 – 10 min

AS MÁQUINAS DE MARIA de Marta Madureira

Portugal, 2003 – 8 min

duração total da projeção: 70 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE

Os onze filmes conjugados nesta sessão, feitos de acordo com um variadíssimo leque de abordagens à animação, são demonstrativos da determinante importância do olhar feminino na realização de cinema de animação portuguesa desde o início do século XX. SELO OU NÃO SÊ-LO desenha o pensamento e a imaginação de uma menina que recebe o inusitado convite para beber chá com a Rainha de Inglaterra. NESTE NATAL EU QUERIA é um filme sobre a partilha e sobre dois pequenos irmãos que fazem cada um a sua lista de prendas para o Natal, sendo surpreendidos pela prenda que o Pai Natal lhes

reserva. Influenciado pela poesia de Al Berto, FRAGMENTOS DE SAL é uma curta realizada em areia sobre a procura da identidade, os "(des)encontros com o Outro" através do "confronto com os elementos primordiais". INTERSTÍCIOS é um exercício formal que explora a coreografia transversal à imagem fílmica e às artes plásticas, salientando a "relação geométrica e diacrónica entre elementos cujas formas se mantêm, mais ou menos reconhecíveis entre fotogramas". COISAS & LOIÇAS parte de uma encomenda feita pelo Museu Nacional Soares dos Reis com a intenção de montar uma narrativa divertida em torno das peças da exposição de Faiança Portuguesa, no âmbito da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. PARA O IGLOO DA AVOZINHA, inspira-se num texto de Gilbert Lascaux, fazendo uma exploração visual da história de uma menina de vermelho e da sua relação com a avó e com a neve. Numa história policial preenchida de enredos e tumultos, A DAMA DA LAPA não tem explicação melhor do que a da sua sinopse: Haaaaa?meu amor?vrrrumm, hoooo?pum pum?socorro?ra-ta-ta-ta-ta?grrrrr?tchac?hããaan?uauu uu!!!!!!?. HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ, aclamado e premiado filme de Regina Pessoa, lida com a diferença e com a singularidade pessoal face à integração social na pele de uma menina "diferente", que se isola face à intolerância da sua comunidade. MULHER é a primeira de seis pequenas histórias que compõem uma série sobre o quotidiano e a intimidade feminina. THE TAILOR'S KISS é um obscuro filme feito com marionetas sobre o desespero de um alfaiate perante a solidão e a perda da sua amada. AS MÁQUINAS DE MARIA levam-nos a um mundo "mecanizado, de porcas e parafusos", e à imaginação de Maria, cujo passatempo preferido é inventar máquinas.

COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, assinalamos em março três novidades editoriais através de três sessões de cinema. No dia 7, propomos a exibição de BITTER VICTORY, de Nicholas Ray para complementar a apresentação do livro do quinto volume da edição de compilação *Escritos sobre Cinema* de João Bénard da Costa, em que a Cinemateca tem estado a trabalhar e que inclui todos os textos por ele escritos na Cinemateca, as “folhas” por ele iniciadas na Fundação Calouste Gulbenkian e textos seus publicados em catálogos coeditados pela Cinemateca e a Gulbenkian. As outras duas sessões de março desta rubrica têm como pretexto a apresentação simultânea dos livros *Somos Todos Famosos*, de Alexandre Melo, e *Antropologia da Vida Material. Escritos sobre espaços, coisas e pessoas*, de Filomena Silvano, ambos editados pela Documenta, que terá lugar no espaço da livraria Linha de Sombra nos 39 Degraus a anteceder a exibição do filme HEAT, de Paul Morrissey, no dia 29 de março (a pretexto do lançamento do segundo livro, exibimos também, no dia seguinte, PRÊT-À-PORTER, de Robert Altman).



BITTER VICTORY

► Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BITTER VICTORY

Cruel Vitória

de Nicholas Ray

com Richard Burton, Curd Jurgens, Ruth Roman, Raymond Péllegrin

Estados Unidos, França, 1957 - 102 min / legendado em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

É uma das obras mais admiradas de Nicholas Ray, apesar de ter sido manipulada pelos produtores, à revelia do realizador. Richard Burton tem um dos melhores papéis da sua carreira na figura de um oficial que salva uma missão prejudicada pela cobardia do superior (Curd Jurgens) obcecado pela relação que o subalterno tivera com a sua mulher. A juntar a Burton e a Jurgens, o deserto, filmado em Scope, ganha o estatuto de protagonista ao acolher a inesquecível e belíssima sequência final. O filme que fez Godard dizer na célebre crítica nos *Cahiers*: “E o cinema é Nicholas Ray.”

► Quarta-feira [29] 19h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HEAT

O Cio

de Paul Morrissey

com Joe Dallesandro, Sylvia Miles, Andrea Feldman

Estados Unidos, 1972 - 99 min / legendado em português | M/16



SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Variação, em tons warholianos, sobre o argumento de SUNSET BOULEVARD: Joe Dallesandro é um jovem ator desempregado que se envolve com Sylvia Miles, ex-grande vedeta em processo de decadência. Todo o delicioso e jubilatório amoralismo da “galáxia Warhol” num filme que deu brado, e que permanece como um dos pontos altos da obra de Paul Morrissey.

► Quinta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PRÊT-À-PORTER

Prêt-à-Porter Pronto a Vestir

de Robert Altman

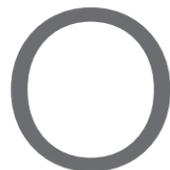
com Marcello Mastroianni, Sophia Loren, Kim Basinger, Julia Roberts, Tim Robbins, Anouk Aimée, Lauren Bacall, Harry Belafonte, Cher

Estados Unidos, 1994 - 133 min / legendado em português | M/16

O argumento de PRÊT-À-PORTER não podia ser mais propício à reunião de vedetas levada a cabo por Altman neste filme, na medida em que nos leva ao mundo da moda e dos desfiles em Paris, das rivalidades e ódios de estimação que se cultivam e que, no caso, atingem foros criminais.

FILMar:

RAQUEL SOEIRO DE BRITO, PIONEIRA



O cinema de Raquel Soeiro de Brito (Elvas, 1925) existe para lá da própria imagem. Está relacionado com a necessidade de termos memória e de sabermos a que território histórico, geográfico e geológico pertencemos. É um cinema de construção de identidades, porque capta o que a paisagem e as suas múltiplas morfologias guardam. Primeira mulher doutorada em Geografia em Portugal, com a tese *A Ilha de S. Miguel. Estudo geográfico*. Tinha 30 anos quando o vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, acordou e provocou um dos maiores acidentes naturais da história contemporânea nacional. Integrada na equipa do geógrafo Orlando Ribeiro, que havia chegado à ilha uma semana depois do início da erupção, haveria de assinar ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL - AÇORES (1958), que guarda imagens da atividade vulcânica que se estendeu ao longo de mais de um ano. Feito com meios inéditos para a investigação científica, esses registos são, ainda hoje, essenciais para o estudo da vulcanologia e das alterações geográficas da ilha. O FILMar homenageia a realizadora, pioneira do cinema e de um modo de pensar a imagem enquanto elemento de estudo, apresentando uma sessão que navega por paisagens marítimas e terrestres, então pertença de uma ideia de país maior que a sua geografia. A geografia é, assim, possibilidade de entendimento de uma relação com o mar, porque dela se parte para uma leitura de mitos e impressões sobre o que constitui uma identidade coletiva, matéria que temos vindo a reafirmar ao longo das várias sessões públicas deste projeto.

► Sábado [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL

Portugal, 1958 - 34 min

MACAU

Portugal, 1960 - 18 min

SÃO TOMÉ E PRÍNCÍPE

Portugal, 1964 - 28 min

filmes de Raquel Soeiro de Brito

duração total da projeção: 80 min | M/12

COM ACOMPANHAMENTO MUSICAL AO VIVO POR MARGARIDA MAGALHÃES (AKA RAW FOREST)

COM A PRESENÇA DA REALIZADORA (A CONFIRMAR)

Raquel Soeiro de Brito não chamaria cinema aos seus filmes de estudo e registo de práticas e mudanças humanas, naturais e geológicas. Mas é de cinema que se trata, porque de uma mediação, através da câmara, de paisagens sociais e morfológicas, depois traduzidas em ensaios, compreensão e estudos. Ao longo de mais de uma década, a pioneira do cinema geográfico, acompanhou transformações em territórios distintos, religando populações e paisagens, para compreender, depois, como podiam ser interpretadas as adaptações geográficas e sociais das comunidades. O FILMar apresenta três filmes-paisagem, no Faial, em Macau e São Tomé, a partir de uma lista mais vasta conservada no ANIM, de modo a contribuir para a redescoberta de um cinema de observação, de interpretação e de questionamento sobre como pode a imagem servir de mapa para a memória. A sessão tem o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

O QUE QUERO VER

De entre as sugestões dos espectadores da Cinemateca, escolhemos mostrar em março um dos filmes mais amados de Billy Wilder: THE APARTMENT.

► Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE APARTMENT

O Apartamento

de Billy Wilder

com Shirley MacLaine, Jack Lemmon, Fred MacMurray

Estados Unidos, 1960 - 125 min
legendado em português | M/12

Cinco Oscars para esta obra-prima de Billy Wilder, a quem couberam três estatuetas (produtor, realizador e argumentista), que mistura em doses perfeitas a comédia e o drama, a pureza e o cinismo. Jack Lemmon é um empregado de escritório que procura subir na hierarquia, cedendo o seu apartamento para as aventuras extraconjugais dos administradores. Até que se apaixona por uma dessas conquistas: Shirley MacLaine.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável” (João Bénard da Costa)

► Sexta-feira [24] 21h30
Sala M. Félix Ribeiro

YOU ONLY LIVE ONCE

Só Vivemos Uma Vez

de Fritz Lang

com Henry Fonda, Sylvia Sidney, Barton MacLane

Estados Unidos, 1937 - 85 min
legendado em português | M/12

O segundo filme americano de Fritz Lang conta com Henry Fonda numa das suas mais fulgurantes interpretações: o papel de um homem cercado e sempre em fuga. Esta sua fuga é acompanhada por Sylvia Sidney, porque YOU ONLY LIVE ONCE conta também uma desesperada, mas incondicional, história de amor, com a Grande Depressão como pano de fundo. “É deste filme que ‘nascem’ obras que vão de GUN CRAZY e THEY LIVED BY NIGHT a BONNIE AND CLYDE” (João Bénard da Costa).

01 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE LONG HOT SUMMER
Martin Ritt

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

DRAGON INN / LONG MEN KEZHAN
King Hu

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

RALLY ROUND THE FLAG, BOYS!
Leo McCarey

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

CURTAS-METRAGENS STRAIGHT 8
Vários realizadores

02 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

FROM THE TERRACE
Mark Robson

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

SESSÃO DE CURTAS-METRAGENS DE MULHERES REALIZADORAS
Várias realizadoras

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

RAINING IN THE MOUNTAIN / KONG SHAN LING YU
King Hu

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE WHEEL OF LIFE / DA LUNHUI
King Hu, Li Hsing, Pai Ching-Jui

03 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

PARIS BLUES
Martin Ritt

18H00 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

CONFERÊNCIA: "O MUNDO DOS FILMES DE ARTES MARCIAIS: UMA INTRODUÇÃO"

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE LONG HOT SUMMER
Martin Ritt

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

DRAGON INN / LONG MEN KEZHAN
King Hu

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

TRÊS CURTAS-METRAGENS DE O SOM E A FÚRIA
Vários realizadores

04 SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA

OLHAR PARA TRÁS

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

SESSÃO COLECCIONADORES DE RARIDADES
Vários realizadores

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

JOCHUKKO
O Menino da Ama
Tomotaka Tasaka
MOONFLEET
Fritz Lang

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

ATENÇÃO AO HORÁRIO
FOUR MOODS / HIS NOU AI LUEH
Bai Jing-rui, King Hu, Lee Hsing, Li Hang-hsiang

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

ATENÇÃO AO HORÁRIO
A TOUCH OF ZEN / XIA NU
King Hu

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

de segunda-feira a sábado, das 13h30 às 21h30

(Salão Foz — Praça dos Restauradores)

de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 17h00

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

06 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

RALLY ROUND THE FLAG, BOYS!
Leo McCarey

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

A NEW KIND OF LOVE
Melville Shavelson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

RAINING IN THE MOUNTAIN / KONG SHAN LING YU
King Hu

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

ATENÇÃO AO HORÁRIO
LEGEND OF THE MOUNTAIN / SHAN ZHONG ZHUAN QI
King Hu

07 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

A TOUCH OF ZEN / XIA NU
King Hu

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

BITTER VICTORY
Nicholas Ray

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

FROM THE TERRACE
Mark Robson

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

ATENÇÃO AO HORÁRIO
FOUR MOODS / HIS NOU AI LUEH
Bai Jing-rui, King Hu, Lee Hsing, Li Hang-hsiang

08 QUARTA-FEIRA

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

ATENÇÃO AO HORÁRIO
LEGEND OF THE MOUNTAIN / SHAN ZHONG ZHUAN QI
King Hu

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

CURTAS-METRAGENS DO Ar.Co
Vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

PARIS BLUES
Martin Ritt

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

PACIFICTION
Albert Serra

09 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THEY MIGHT BE GIANTS
Anthony Harvey

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

VENGEANCE OF THE PHOENIX SISTERS / SAN FENG ZHEN WU LIN
Chung Hongmin

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

A CITY CALLED DRAGON / LONG CHENG SHI RI
Tu Chung-Hsun

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

DAVANDEH
"O Corredor"
Amir Naderi

10 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE WHEEL OF LIFE / DA LUNHUI
King Hu, Li Hsing, Pai Ching-Jui

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE SWORDSMAN OF ALL SWORDSMEN / YI DAI JIAN WANG
Joseph Kuo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

WUSA
Stuart Rosenberg

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

THE GREAT YARMOUTH - PROVISIONAL FIGURES
Marco Martins

11 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

OMOHIDE PORO PORO
Memórias de Ontem
Isao Takahata

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

CITY LIGHTS
Charles Chaplin
ON DANGEROUS GROUND
Nicholas Ray

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

KHESHT O AYENEH
"Tijolo e Espelho"
Ebrahim Golestan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE BRAVEST REVENGE / WU LIN LONG HU DOU
Lung Chien

13 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

VENGEANCE OF THE PHOENIX SISTERS / SAN FENG ZHEN WU LIN
Chung Hongmin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE GHOST HILL / SHI WAN JIN SHAN
Shan-Hsi Ting

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE DROWNING POOL
Stuart Rosenberg

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

NAKHODA KHORSHID
"Capitão Khorshid"
Nasser Taghvau

14 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

A CITY CALLED DRAGON / LONG CHENG SHI RI
Tu Chung-Hsun

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

VERTIGES
Christine Laurent

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK
"Bashu, o Pequeno Estrangeiro"
Bahram Beyzaie

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE SWORDSMAN OF ALL SWORDSMEN / YI DAI JIAN WANG
Joseph Kuo

15 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

WUSA
Stuart Rosenberg

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE BRAVEST REVENGE / WU LIN LONG HU DOU
Lung Chien

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

TRANSATLANTIQUE
Christine Laurent

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

NAR-O-NAY
"Romã e Cana-de-Açúcar"
Saeed Ebrahimifar

16 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

THE GHOST HILL / SHI WAN JIN SHAN
Shan-Hsi Ting

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

HARRY AND SON
Paul Newman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

DAVANDEH
"O Corredor"
Amir Naderi

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

RACHEL RACHEL
Paul Newman

17 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE DROWNING POOL
Stuart Rosenberg

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

NAMA-YE NAZDIK
Close Up
Abbas Kiarostami

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

MR. AND MRS. BRIDGE
James Ivory

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

HAMOUN
Dariush Mehrjui

18 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

TRISTEZA E ALEGRIA NA VIDA DAS GIRAFAS
Tiago Guedes

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

LOU N'A PAS DIT NON
Anne-Marie Miéville
CANYON PASSAGE
Jacques Tourneur

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMar

RAQUEL SOEIRO DE BRITO, PIONEIRA
Raquel Soeiro de Brito

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER

THE APARTMENT
Billy Wilder

20 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

RACHEL RACHEL
Paul Newman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

PARDEHE AKHAR
“O Último Ato”
Varuzh Karim-Masihi

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA

OS PIONEIROS DA ANIMAÇÃO JAPONESA
Yasuji Murata, Noburo Ofuji, Kenzo Masaoka

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

VA ZENDEGI EDAME DARAD
E a Vida Continua
Abbas Kiarostami

21 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE EFFECT OF GAMMA RAYS ON MAN-IN-THE-MOON
MARIGOLDS
Paul Newman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

NUN VA GOLDUN
“Um Momento de Inocência”
Mohsen Makhmalbaf

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA

FUYU NO HI
“Dias de Inverno”
vários realizadores
KAFUKA: INAKA ISHA
“Franz Kafka – Um Médico Rural”
Koji Yamamura

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

BOODAN YAA NABOODAN
“Ser ou Não Ser”
Kianoush Ayari

22 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

SHAZDEH EHTEJAB
“Príncipe Ehtejab”
Bahman Farmanara

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

36 VUES DU PIC SAINT-LOUP
Jacques Rivette

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA

RETROSPECTIVA RENZO E SAYOKO KINOSHITA
Renzo Kinoshita

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

ZIR-E POOST-E SHAHR
“Sob A Pele da Cidade”
Rakhshan Banietemad

23 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

WINNING
James Goldstone

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

ZAMANI BARAYÉ MASTI ASBHA
Um Tempo para Cavalos Bêbedos
Bahman Ghobadi

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA

STARÉ POVESTI CESKÉ
“Velhas Lendas Checas”
Jiri Trnka

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND
“Os Manuscritos Não Ardem”
Mohammad Rasoulof

24 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

CHAHARSHANBE-SOORI
“Quarta-Feira de Fogos de Artifício”
Asghar Farhadi

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

ZEMESTAN
“Inverno”
Raffi Pitt

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA

NECO Z ALENKY
“Alice” ou “Qualquer Coisa de Alice”
Jan Svankmajer

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJETIVÁVEL

YOU ONLY LIVE ONCE
Fritz Lang

25 SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA

IMAGEM COM LUZ DENTRO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

SESSÃO 100 ANOS DA DISNEY
Vários realizadores

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

THE MAGNIFICENT AMBERSONS
Orson Welles
BLIND HUSBANDS
Erich von Stroheim

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THEY MIGHT BE GIANTS
Anthony Harvey

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

TALAYE SORKH
Sangue e Ouro
Jafar Panahi

27 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

SOMETIMES A GREAT NOTION
Paul Newman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

HERFEH: MOSTANADSAZ
“Profissão: Documentarista”
Vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

WINNING
James Goldstone

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

GILANEH
de Rakhshan Banietemad e Mohsen Abdolvahab

28 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE EFFECT OF GAMMA RAYS ON MAN-IN-THE-MOON
MARIGOLDS
Paul Newman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK
“Bashu, o Pequeno Estrangeiro”
Bahram Beyzaie

19H30 | LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

SHAZDEH EHTEJAB
“Príncipe Ehtejab”
Bahman Farmanara

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

THE GLASS MENAGERIE
Paul Newman

29 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

TALAYE SORKH
Sangue e Ouro
Jafar Panahi

19H00 | SALA LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)



NAKHODA KHORSHID
“Capitão Khorshid”
Nasser Taghvau

19H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA



HEAT
Paul Morrissey

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND
“Os Manuscritos Não Ardem”
Mohammad Rasoulof

30 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

GILANEH
de Rakhshan Banietemad e Mohsen Abdolvahab

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

PRÊT-À-PORTER
Robert Altman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

BOODAN YAA NABOODAN
“Ser ou Não Ser”
Kianoush Ayari

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

PARDEHE AKHAR
“O Último Ato”
Varuzh Karim-Masihi

31 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

ZIR-E POOST-E SHAHR
“Sob A Pele da Cidade”
Rakhshan Banietemad

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

DEMAIN?
Christine Laurent

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

HERFEH: MOSTANADSAZ
“Profissão: Documentarista”
Vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955–2015)

CHAHARSHANBE-SOORI
“Quarta-Feira de Fogos de Artifício”
Asghar Farhadi

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Estudantes/Cartão Jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos – 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema – 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 – 19:30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14:00 – 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 – 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa

CINEMATECA JÚNIOR | SALÃO FOZ, RESTAURADORES

Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 11h00 – 17h00

Venda online em cinemateca.bol.pt

Adultos – 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) – 1,10 euros

Tel. 213 462 157 / 213 476 129 – cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759

Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa